



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

NUNO FILIPE MARTINS FACHADA FILENO

Leão Dehon

**Espiritualidade sacerdotal a partir da obra “Le Coeur
Sacerdotal de Jesus”**

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro

Porto
2014

SIGLÁRIO

Dt – Livro de Deuteronómio

Sl – Livro dos Salmos

Is – Livro de Isaías

Mt – Evangelho segundo S. Mateus

Mc – Evangelho segundo S. Marcos

Lc - Evangelho segundo S. Lucas

Jo – Evangelho segundo S. João

1 Cor – 1ª Carta aos Coríntios

2 Cor – 2ª Carta aos Coríntios

Ef – Carta aos Efésios

Fil – Carta aos Filipenses

2 Tm – 2ª Carta a Timóteo

Heb – Carta aos Hebreus

1 Jo – 1ª Carta de S. João

PO – *Presbyterorum ordinis*

LG – *Lumen Gentium*

NHV – *Notes sur l'Histoire de ma vie*

INTRODUÇÃO

A vida e obra do Padre Leão Dehon constituem um património espiritual inegável, que marcou não só os séculos XIX e XX, mas que ainda hoje continua a interpelar muitos. A Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, por ele fundada, é a confirmação disso mesmo, ao prolongar na história o legado e o carisma do seu fundador.

O primeiro contato que tive com a vida de Leão Dehon aconteceu aos meus dezassete anos. Nessa altura, no contexto de descoberta vocacional, entre dúvidas e incertezas, tive o privilégio de ler uma pequena biografia deste sacerdote, que me chegou às mãos por meio de um amigo da Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus. Fiquei verdadeiramente impressionado com o testemunho de vida do Padre Dehon, desde o seu percurso difícil, antes e depois do sacerdócio, até à dimensão oblativa que é marca da sua espiritualidade. Um ano depois deste primeiro contato, viria a iniciar um período de preparação para o sacerdócio na diocese de Coimbra. Ao longo dos anos de formação várias vezes regresssei à obra de Leão Dehon, pois reconhecia nela um guia espiritual para os sacerdotes, bem como para os que se preparam para abraçar o sacerdócio ministerial.

Algumas intuições do padre Dehon sobre o sacerdócio viriam a confirmar-se no magistério conciliar e pós-conciliar da Igreja. Creio que essa é uma clara afirmação da universalidade do seu pensamento.

Esta dissertação encontra-se dividida em três capítulos: no primeiro faremos uma breve contextualização histórica da época em que viveu o padre Dehon e uma resenha biográfica, procurando nos acontecimentos da sua vida uma chave de leitura da sua espiritualidade. No segundo capítulo faremos a análise da obra *Le coeur sacerdotal de Jesus*, procurando nela elementos para definir a espiritualidade dehoniana. Na

terceira parte confrontaremos a espiritualidade sacerdotal do Padre Dehon com alguns documentos do magistério conciliar e pós-conciliar da Igreja, procurando demonstrar a atualidade do seu pensamento sobre o sacerdócio ministerial.

Ao Homem atual, e sobretudo aos padres de hoje, o padre Dehon deixou o testemunho de fidelidade à vocação através da imitação de Cristo no exercício do ministério. Nas meditações da obra *Le Coeur Sacerdotal de Jesus* podemos contemplar o seu perfil de sacerdote e ao mesmo tempo o seu desejo maior, ao qual dedicou toda a sua vida: a santificação dos sacerdotes. O seu exemplo e o seu legado espiritual são um contributo inegável para a espiritualidade nos nossos dias.

CAPÍTULO I

BIOGRAFIA E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE LEÃO DEHON

Neste primeiro ponto procurarei fazer uma breve aproximação histórica do Padre Leão Dehon, considerando os factos mais importantes da sua biografia para, posteriormente, compreender o seu carisma e os contributos da sua obra.

1.1 A influência da Revolução francesa na sociedade de oitocentos

A revolução francesa foi um marco na história, que comprometeu o rumo do século seguinte e dos inícios do século XX, do ponto de vista político, social e cultural.

A sociedade francesa do século XIX apresenta grandes desigualdades, o que vem pôr em causa os grandes ideais da Revolução: liberdade, igualdade e fraternidade. A burguesia, outrora esperançosa de progresso face à decadência do Antigo Regime, “recorre agora à Igreja, à procura de paz social”¹.

As relações entre o Estado francês e a Igreja, são progressivamente reatadas, mas a reconciliação só virá no século XX com a ação dos Pontífices Bento XV e Pio XI, depois de um longo caminho de aproximação da Igreja ao Estado francês, iniciado no Pontificado de Leão XIII.

As correntes ateias e anti-clericais, nascidas no período revolucionário penetram facilmente na mentalidade burguesa e no proletariado. Face a este panorama cultural e sociológico, a Igreja parece não propor uma alternativa na qual a fé esteja presente e, pouco a pouco, perde o protagonismo que anteriormente marcara no Antigo Regime. É certo que alguns pensadores cristãos tentaram uma proposta diferente, como

¹ MANZONI Giuseppe, *Leone Dehon e il suo messaggio*, Edizioni Dehoniane, Bolonha, 1989, p.19; (*La borghesia recorre alla chiesa per la pace sociale*).

Chateaubriand e Lamennais, mas a sua linguagem romântica parecia transformar a religião num sentimento, o que aumentava ainda mais a crítica dos filósofos ateus, empenhados em descredibilizar a Igreja, para a construção de uma sociedade livre, sem Deus e sem religião. Paulatinamente, o desejo de Napoleão Bonaparte tornava-se uma realidade: o estabelecimento da paz religiosa e a submissão da Igreja ao Estado ².

O século XIX, embora tenha sido um período controverso, sobretudo do ponto de vista socio-cultural, o mesmo não se poderá dizer no que diz respeito à espiritualidade. O século XIX é o grande período da criação de novas formas de vida consagrada, mais voltadas para o apostolado, através da sua inserção na vida social. Assiste-se portanto à afirmação de uma espiritualidade concretizada “mais nas obras e na vida do que nos escritos” ³. O século XIX, sobretudo a segunda metade, apresenta-se como um período espiritualmente rico. A fundação de Universidades Católicas e o desenvolvimento dos estudos nos Seminários, são elementos determinantes para que, socialmente se assista ao surgir de uma nova geração de católicos, provenientes sobretudo do meio universitário, que procuram estabelecer a relação entre fé e ciência, permitindo assim que a religião, progressivamente, adquira um lugar na vida social. Certo é que, ainda assim, o laicismo é uma realidade bem presente na sociedade francesa de oitocentos. O horizonte iluminista do homem ficava circunscrito à realidade terrena, impedindo assim a reflexão sobre realidades metafísicas. Esta conceção tem concretizações práticas, sendo que, a mais evidente, é o anticlericalismo que marca a sociedade deste tempo. Por outro lado, assiste-se a uma exaltação da Razão, da capacidade humana, sendo essa, para os pensadores da época, a verdadeira religião.

² Cf. MANZONI Giuseppe, *Leão Dehon apóstolo do Coração de Jesus*, ed. Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, Província brasileira meridional, São Paulo, 1984, p. 39.

³ MANZONI Giuseppe, *Leone Dehon e il suo messaggio*, Edizioni Dehoniane, Bolonha, 1989, p.21 (È una mística e una santita molto più realizzate nelle opere e nella vita che negli scritti).

1.2 Leão Dehon – primeiros anos de vida

É neste contexto sociopolítico e religioso que surge o Padre João Leão Dehon⁴, e é igualmente este contexto da sociedade de oitocentos, e que se prolonga aos primeiros decênios do século seguinte, que justifica a sua ação. Nascido a 14 de Março de 1843, na localidade de *La Capelle*, diocese de *Soissons*, no norte de França, foi educado no seio de uma família de latifundiários, de nobre ascendência⁵. Seus pais, Júlio Alexandre Dehon e Adélia Estefânia Vandeleit⁶, tiveram três filhos, Leão, que morrera aos quatro anos de idade, Henrique, nascido em Setembro de 1839, e o que viria a ser o Padre João Leão Dehon, quatro anos mais novo que o seu irmão Henrique. Leão Dehon, ao escrever sobre a sua infância, dá grande relevo sobretudo ao seu batismo, que ocorreu no dia 24 de Março de 1843, na Igreja de *La Capelle*, presidido pelo idoso Padre Próspero Hécart. A coincidência do seu batismo com as primeiras vésperas da Anunciação do Senhor é vista por ele como um sinal providencial, como uma indicação daquilo que se tornará o coração da sua espiritualidade, o “*Ecce venio*”, o “*Eis-me aqui!*”, do Salmo 40, que aponta a atitude do crente no ato de oferta de si mesmo. Segundo a Carta aos Hebreus, é também essa atitude que caracteriza Cristo, e manifesta os seus sentimentos, ao incarnar (cf. Heb 10, 5-7). Nas suas memórias, Leão Dehon, explica esta feliz coincidência da data do seu batismo e da sua mensagem:

“Celebravam-se as primeiras vésperas da festa da Anunciação. Mais tarde senti-me feliz por ligar a memória do meu batismo ao *Ecce venio* de Nosso Senhor”⁷.

⁴ Nome original *Jean Léon Dehon*. Tomaremos o nome Leão Dehon.

⁵ Cf. RIBEIRO Fernando, *Padre Leão Dehon*, ed. Seminário Missionário Pe. Dehon, p. 7.

⁶ Nomes traduzidos.

⁷ LEÓN DEHON, *Notes sur l'Histoire de ma vie* (NHV), ed. Giuseppe Manzoni, 8 volumes, Roma, 1965-1983, I, 1.

O dia do seu batismo era por ele, Leão Dehon, celebrado ano após ano com devoção. No período de férias, peregrinava à fonte batismal, recordando o início da sua vida como cristão. Os nomes que recebera no batismo foram Leão e Gustavo, sendo que o primeiro era uma homenagem dos pais ao seu irmão mais velho, falecido anos antes, e ao Papa Leão XII, por quem a mãe de Leão Dehon nutria grande admiração. O nome Gustavo era uma referência ao seu padrinho de batismo.

Sobre os seus pais, sabemos o que o próprio Leão Dehon escreveu nas suas memórias. Pertenciam a uma burguesia rural, que apesar de se afirmar católica, era pouco praticante. Júlio Dehon era um homem bondoso e reto, mas pouco dado à religião. Aliás, para ele a vocação do filho permanecerá um enigma e um motivo de graves conflitos, ainda que, por ocasião da ordenação sacerdotal de Leão, se aproxime um pouco mais dele e da prática religiosa. Assim o descreve o próprio Leão:

“Meu pai não teve o benefício de uma educação integralmente cristã. Depois dos primeiros anos passados nos internatos de La Capelle e de Mondrepuis, foi aluno no colégio de S. Quintino e numa instituição de Paris. Da educação familiar ele conservou o espírito de equidade e de bondade que caracterizaram toda a sua vida. No colégio perdeu a prática da vida cristã, mas manteve com ela respeito e estima. Aquele pouco de fé que lhe tinha ficado devia aumentar sempre mais, graças especialmente à influência constante de minha mãe, às suas orações e sacrifícios. Rezei por ele desde que tive a compreensão das coisas da fé. Quantas vezes desde o tempo do colégio, e especialmente em Roma, surpreendi-me a verter lágrimas pela sua salvação”⁸.

A mãe de Leão Dehon era para ele um motivo de ação de graças, pois foi ela a grande responsável pela sua educação cristã. Era uma mulher piedosa e reta, sobretudo graças à formação que recebera no pensionato de Charleville, dirigido pelas Damas da Providência. O Padre Dehon descreve o pensionato onde estudou a mãe como uma casa

⁸ NHV I, 4r-4v.

com espírito cristão, com o espírito de Deus⁹. A influência da mãe, na vida espiritual do Padre Dehon é sintetizada nas suas memórias, quando este se refere às lembranças da sua vida familiar:

“Eu recebia a influência constante de minha mãe e, apesar do meu estouvamento, pouco a pouco tomei gosto pela oração e pelas coisas religiosas. Cedo tive uma viva atracção, que durou toda a minha infância, para construir capelas. Minha mãe tinha estatuetas, imagens piedosas, e até alguns relicários que tinha arranjado no pensionato de Charleville. Tudo isso tornou-se imediatamente o ornamento da minha capela. Eram conhecidos em família esses meus gostos, e frequentemente recebi de presente objectos religiosos”¹⁰.

O período da sua infância em La Capelle, foi um tempo feliz para Leão Dehon. Nas suas memórias relata algumas recordações da sua vida nesse tempo e da espiritualidade que começava a desenvolver-se no seu interior.

Ele próprio relata a experiência feliz da visita do bispo de Soissons, Mons. de Garsignies (bispo de Soissons: 1848-1860) à paróquia, quando teria 7 anos, para a administração do Crisma, e como foi para ele importante esse contacto, sobretudo pela densidade espiritual que teve no momento em que o próprio bispo mostra ao pequeno Leão a cruz peitoral do seu predecessor, facto que mais tarde recordará, e que era recordado igualmente pela mãe como um momento de graça. O gosto de Leão Dehon pelos objectos sagrados era-lhe inculcado pela mãe, e parecia ser um primeiro sinal da sua vocação ao sacerdócio. A devoção ao Sagrado Coração de Jesus, da qual seria mais tarde o grande divulgador, foi resultado da convivência com a mãe que era também sensível a essa devoção. Mas se, por um lado, a sua infância foi marcada pela religiosidade da mãe, que influenciou a sua vida, apesar da indiferença religiosa do pai, o período escolar em La Capelle foi para o pequeno Leão um período difícil ao nível da

⁹ Cf. NHV I, 2v.

¹⁰ NHV I, 5v-6r;

fé. O ambiente do Externato de La Capelle, onde estavam também matriculados os seus irmãos, não era bom. Para além da sobrecarga sentida pelo número de horas em que permaneciam no Externato (das seis da manhã à noite), as companhias deixavam muito a desejar, e o tempo dedicado à oração era mínimo.

“Não faltavam os bons companheiros, porém dominavam as maus e Leão, embora sendo habitualmente o primeiro da classe, afirma que não era melhor que os outros: “Os meus defeitos naturais cresceram com facilidade. Frequentemente era vaidoso, colérico, indolente, preguiçoso... Não podia suportar as humilhações”¹¹.

1.3 A adolescência e os primeiros sinais de vocação

A adolescência de Leão foi um período particularmente crítico. Os fatores são variados, mas no caso deste jovem, estes “poderão considerar-se providenciais e que vão desde a riqueza do seu temperamento até ao ambiente que o rodeou, passando pelas condições anteriores de educação, sem ignorar a ação misteriosa da graça”¹².

O período da adolescência foi também marcado pelas mudanças, sobretudo no que diz respeito aos estudos. O pai de Leão, conhecendo as capacidades intelectuais do filho, sonhava para ele uma carreira brilhante de modo que o nome Dehon se perpetuasse na história. Pensava matricular o filho no Liceu de Paris. A mãe, por sua vez, não estava certa quanto à solução apresentada pelo marido. Quis a Providência Divina, que fosse a criada da casa, Maria Jouniaux, a determinar o futuro de Leão, quando sugeriu a Júlio Dehon o Colégio de Hazebrouck como destino de estudos do filho, colocando-o assim em contacto com o Padre Carlos Boute, ex-pároco da criada,

¹¹ MANZONI Giuseppe, *Leone Dehon e il suo messaggio*, Edizioni Dehoniane, Bolonha, 1989, pp.53 (*Non mancavano i compagni buoni, ma prevalevano quelli cattivi e Leone, pur essendo habitualmente il primo della classe, afferma di non essere stato migliore degli altri: “ I miei difetti natural si svilupparono a loro agio. Erro spesso vanitoso, colérico, molle, pigro... Non potevo sopportare le umiliazioni).*

¹² RIBEIRO Fernando, *Padre Leão Dehon*, ed. Seminário Missionário Pe. Dehon, pp. 18.

que por sua vez era natural de Wignehies. O Padre Carlos Boute passou a frequentar a casa dos Dehon, sobretudo quando fazia a viagem desde a Wignehies até ao Colégio de Hazebrouck, onde era professor. Júlio Dehon estava determinado na formação sólida dos filhos, e por isso decidiu enviá-los a estudar no Colégio de Hazebrouk, sob influência da criada, e conseqüentemente do Padre Carlos Boute. Hazebrouk foi a primeira grande experiência de Leão Dehon fora de casa. Se este motivo poderia explicar alguma dificuldade de adaptação ao novo modo de vida, o que é certo, é que tal não acontecera desse modo. A adaptação foi rápida, provavelmente influenciada pela presença do irmão mais velho. O ambiente do colégio, que formava jovens que mais tarde se tornavam candidatos ao sacerdócio, correspondia aos anseios e inquietações de Leão Dehon e, segundo o mesmo, este era um espaço abençoado, sobretudo, graças ao zelo e dedicação dos padres responsáveis¹³. O que mais impressionava Leão Dehon, e que o levou a reconhecer como elemento decisivo da formação, era a vida austera que marcava o quotidiano do Colégio:

“A vida neste colégio era austera. Uma parte das construções estava em estado de pardieiro. Comia-se sempre o pão preto e diversos pratos habituais na campanha flamenga, mas pouco apetitosos para estômagos delicados. O regulamento era viril: levantar cedo, pouco aquecimento, muito trabalho e poucos feriados”¹⁴.

Durante o período de formação em Hazebrouk, Leão Dehon conviveu e apreciou o exemplo edificante do padre Dehaene, superior e responsável do Colégio, que exercia um grande apostolado, não só no Colégio, mas em toda a região, destacando-se como eloquente pregador¹⁵. No Colégio, para além do estudo exigente, os alunos eram instruídos na prática das virtudes morais. O rigor e a exigência, que contemplava por

¹³ Cf. NHV I, 13r.

¹⁴ NHV I, 13r.

¹⁵ Cf. NHV I, 13v.

vezes alguns castigos aos mais intransigentes, eram sem dúvida uma forte característica do Colégio, que Leão Dehon irá reconhecer como importante e necessária para a sua formação integral. Mas, se aparentemente o padre Dehaene era rigoroso no que dizia respeito à disciplina interna, a sua presença paternal era também uma marca forte. Segundo Giuseppe Manzoni, o responsável pelo Colégio de Hazebrouk era um verdadeiro pai para os alunos, os quais amava e defendia com todas as forças. Era pragmático, mas ao mesmo tempo emotivo e sensível aos seus alunos¹⁶. É portanto natural que o padre Dehaene seja considerado por Leão Dehon como o pai da sua alma, reconhecendo que o educador zeloso terá recebido de Deus o dom de fazer passar as virtudes da sua alma para si¹⁷.

O período de formação em Hazebrouk, foi um período de graça para Leão Dehon. Foi aí que começou a apreciar a intimidade com Deus, através da oração. A comunhão sacramental foi uma descoberta espiritual de Leão, que teve o seu início em Hazebrouk. Por isso, foi-lhe permitido comungar duas vezes por semana, o que na época era um costume pouco comum para um jovem daquela idade¹⁸.

Mas se o Colégio foi oportunidade para um amadurecimento da fé, este período foi também importante para a valorização das relações humanas. Nesse contexto, Leão Dehon fez grandes amizades com outros colegas, levando-o a apreciar a beleza da amizade:

¹⁶ Cf. MANZONI Giuseppe, *Leone Dehon e il suo messaggio*, Edizioni Dehoniane, Bolonha, 1989, p.61 (*Questo non impediva a don Dehaene di essere un vero padre per i suoi alunni, di amarli con tutto se stesso e di difenderli con tutte le sue forze. Nella sua lotta contro il male e i sostenitori del male si rivelava il suo carattere focoso e fortemente emotivo. Era facile a sovraeccitarsi e a deprimersi*).

¹⁷ Cf. NHV I, 16r.

¹⁸ Cf. RIBEIRO Fernando, *Padre Leão Dehon*, ed. Seminário Missionário Pe. Dehon, p. 22.

“Que grande dom de Deus é um bom amigo. Só no céu o saberemos apreciar. Quantos bons pensamentos, pensamentos vivificantes e fortificantes se devem a uma boa companhia! E por conseguinte quantas vitórias sobre a natureza e sobre o demónio!”¹⁹.

O Padre Leão Dehon menciona nas suas *Notes sur l'histoire de ma vie* uma especial referência ao segundo ano vivido no Colégio, em que destaca o retiro pregado por um padre capuchinho, que o terá impressionado. Nesse mesmo ano (1856) tornou-se acólito e paulatinamente tomava gosto pela Liturgia. E foi precisamente no contexto litúrgico, que Leão Dehon sentiu uma das maiores impressões da sua vida²⁰. Na Missa de Natal de 1856, na capela dos Padres capuchinhos, estando de serviço ao altar como acólito, “sentiu que o Senhor lhe pedia uma entrega total, que o reclamava todo para Ele”²¹, como refere nas suas memórias, ao afirmar:

“O Senhor forçou-me muito a me entregar a Ele. A acção da graça foi tão forte que durante muito tempo fiquei com a impressão de que a minha conversão datava desse dia”²².

Este momento marcou de tal modo a vida de Leão Dehon, que ele próprio considera-o como um chamamento de Deus ao sacerdócio. Reconhecerá mais tarde que a Providência divina o teria colocado num meio particularmente favorável para o surgir da vocação sacerdotal, quer pelo bom ambiente do Colégio de Hazebrouk, como anteriormente foi referido, quer pelos testemunhos de sacerdócio que passaram pela sua vida, sobretudo o Padre Dehaene. Ele próprio sentiu que Deus o terá preparado para a tomada de consciência da vocação ao sacerdócio. Embora a ideia do sacerdócio tivesse surgido no primeiro ano do Colégio, a decisão fora tomada no retiro do segundo ano,

¹⁹ NHV I, 24v.

²⁰ Cf. NHV I, 25v.

²¹ RIBEIRO Fernando, *Padre Leão Dehon*, ed. Seminário Missionário Pe. Dehon, p. 22.

²² NHV I, 25v.

que tanto o terá impressionado. A decisão consolidou-se no momento anteriormente descrito, na noite de Natal de 1856, e a partir daí ganhou espaço no íntimo do jovem Leão.

“O que é espantoso, é que desde então a minha decisão nunca foi seriamente abalada. A crise da “terceira” não teve nenhuma influência; as tentações, as fraquezas não me desanimaram. Foi o Senhor que me deu essa firmeza, ela não me era natural. A graça agia tão fortemente no meu coração!”²³.

A crise da “terceira”, como refere Leão Dehon, aconteceu no seu terceiro ano do Colégio. Tinha catorze anos. Nessa altura Leão vê-se confrontado com o seu corpo, como é natural nessa fase da adolescência, e sente-se dominado pelo orgulho e vaidade, e especialmente pela sensualidade. Embora mantivesse as suas práticas religiosas e devocionais, o jovem Dehon comportava-se de forma pouco decente, segundo o próprio. Era por vezes deselegante no trato com os professores, mau companheiro para com os colegas, mantendo uma atitude, não raras vezes caprichosa, que muito entristecia o Padre Boute. O próprio define este tempo como um período de luta²⁴ que, no seu entender, só seria ultrapassada com penitência e mortificação:

“Era a luta. Travei-a às vezes com coragem. Dormia sobre uma tábua, impunha ao paladar mortificações bem duras, disciplinava-me até ao sangue. Outras vezes fraquejava vergonhosamente. Para me ajudar, fiz frequentemente um voto de castidade por algumas semanas”²⁵.

Apesar da crise, Leão permanecia fiel ao seu ideal. Procurava, através dos exercícios de penitência, aperfeiçoar-se para poder servir melhor a Deus. Mas, embora dedicasse bastante tempo à oração e à penitência, Leão tinha também outras ocupações

²³ NHV I, 28v.

²⁴ Cf. NHV I, 26r.

²⁵ NHV I, 26r.

que lhe davam especial gosto. O seu espírito de sadia curiosidade levou-o a viajar bastante nos seus tempos de férias. Queria conhecer o mundo, as culturas, as línguas. Esta característica irá acompanhá-lo ao longo da sua vida – o gosto de viajar.

Após a conclusão do curso de Humanidades, em 1859, aos dezasseis anos de idade, Leão Dehon via concluir uma etapa da sua vida, que para além de formativa do ponto de vista académico, fora também período de crescimento ao nível humano e espiritual:

“Conservo uma fotografia minha tirada em Hazebrouck, nessa altura. Eu ia deixar essa terra de fé. Levava de lá os tesouros mais preciosos, o gosto e o hábito da oração, o zelo pelas obras, uma fé bastante esclarecida, amigos fiéis, recordações dulcíssimas, um conhecimento suficiente da minha vocação”²⁶.

Não obstante a alegria e gratidão pelo percurso feito, esperava ainda a Leão Dehon um longo caminho, e com ele, inúmeras dificuldades que o tentariam demover do seu ideal. Uma das dificuldades surgiu logo após a conclusão dos estudos em Hezebrouk. Leão sentia que devia comunicar ao pai o seu desejo de ser sacerdote. A reação foi negativa. Júlio Dehon sonhava para o filho um futuro brilhante, na magistratura, na política ou na diplomacia.

“Meu pai entreviu todo o futuro. Daí em diante, houve nele uma luta entre a esperança e o receio. Ele queria convencer-se de que eu mudaria de ideia, mas não ousava esperar isso. Em suma adiou o meu projecto para muito longe. Eu pedi-lhe que me deixasse ir para S. Suplício; respondeu que nunca mo permitiria”²⁷.

²⁶ NHV I, 30r.

²⁷ NHV I, 30v.

Perante o choque de posições, prevaleceu a de Júlio Dehon. Leão deveria rumar a Paris para se formar em Direito. No entanto, para frequentar o Instituto Politécnico, era necessário o bacharelato em Ciências. O Instituto Barbet era uma reconhecida escola que preparava os alunos para o ingresso nas Escolas Superiores, Estatais.

A adaptação de Leão ao novo Instituto é difícil. “No plano moral, era o oposto do Colégio de Hazebrouck”²⁸. Leão reconhece que o Instituto Barbet era do ponto de vista material e intelectual uma boa opção, mas escandalizava-o a falta de fé dos alunos, e a pouca prática religiosa. Leão mantém-se como aluno interno no Instituto Barbet durante dois meses. Após a sua insistência, manifestada por meio de cartas enviadas a seu pai, consegue ficar vinculado ao Instituto como aluno externo. Aí permanece até junho de 1860. Posteriormente frequentou ainda algumas aulas no Instituto Momenheim, até que a 12 de julho de 1860 é bacharel em Ciências.

Durante o período em que viveu com o seu irmão na cidade das luzes, Leão pôde retomar a sua vida espiritual. Assim, era costume participar diariamente na Eucaristia e confessar-se na Igreja de São Suplício. Aí conheceu o seu confessor, o Padre Prével que o inseriu nas obras católicas de Paris e, de certo modo, motivou a sua admissão no Círculo Católico de Paris. A sua experiência no Círculo Católico foi muito benéfica, do ponto de vista humano e intelectual. As relações e amizades com algumas pessoas da aristocracia parisiense fez crescer em Leão o interesse por áreas do conhecimento que, até então pouco valor tinha dado, como a política e a arte.

Foi também por intermédio do Padre Prével que Leão viveu fortes experiências de Apostolado, como nas Conferências de São Vicente de Paulo ou como catequista da Paróquia de São Suplício.

²⁸ MANZONI Giuseppe, *Leão Dehon e a sua mensagem*, ed. Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus – Dehonianos, pp. 76;

1.4 O curso de Direito e a entrada no Seminário

No ano letivo 1860-1861 Leão inicia os seus estudos na Faculdade de Direito parisiense. Embora grande parte do seu tempo fosse gasta nos estudos, Leão não se desleixa no que diz respeito à vida espiritual.

“A vida de estudante deixou-me uma recordação límpida e alegre. O meu caminho era do meu quartinho à Escola, passando por S. Sulpício. No quartinho as horas passavam-se na calma, entre os livros de Mourlon e de Ortolan, perto da lareira no Inverno e em modesto roupão do estudante. O caminho não tinha nada que me afastasse da oração e do estudo; pelo contrário, o que eu via ajudava-me a alargar a minha alma e a elevá-la para Deus”²⁹.

O ambiente da Faculdade de Direito agrada a Leão. Ele próprio interessa-se cada vez mais pelo Direito. A 2 de abril de 1864, após a segunda discussão, a sua tese de doutoramento é aprovada, e Leão, apenas com vinte anos de idade, é já doutor em Direito. Da sua mente não desaparecia o desejo de ingressar os estudos eclesiásticos, e agora, que houvera satisfeito a vontade de seu pai, e estando perto de atingir a maioridade, Leão via cada vez mais próximo o início desse caminho. O seu pai, perante a insistência do filho em seguir a vida eclesiástica, lança-lhe um novo desafio, provavelmente com vista a demovê-lo da ideia religiosa, o de fazer uma longa viagem, na qual pudesse ter variadas experiências. Naturalmente que Leão, como um jovem que gostava de viajar, acolheu com agrado a proposta de seu pai. Irá acompanhar Leão em parte da viagem o seu amigo Leão Palustre.

Entre Agosto e Setembro visita a Suíça e o norte de Itália. No mês seguinte, visita a Dalmácia, a Albânia, as ilhas do mar jónico e a Grécia, onde se demora a visitar os monumentos da Antiguidade. Em Dezembro visita a Turquia e em seguida o Egipto.

²⁹ NHV I, 36v.

Porém, o seu destino de eleição seria a Terra Santa, e, por isso, fez coincidir a visita a Jerusalém com as festas da Páscoa. Foi uma experiência emocionante para Leão e, ao mesmo tempo, fortalecedora da sua fé.

“Os grandes dias da Semana Santa em Jerusalém são mais emocionantes do que se pode exprimir. Seguem-se, com tremor, todas as etapas da Paixão e Ressurreição. A cada hora do dia, contemplando os sagrados mistérios, pode dizer-se: aconteceu aqui, ali sofreu, acolá derramou o seu sangue. Recebi impressões tão profundas que me ajudaram na contemplação ao longo da vida”³⁰.

A viagem seguiu para o Líbano, Sérvia e Hungria, com passagem pela Áustria. Leão continua a viagem sozinho até Roma. A sua intenção em visitar a cidade eterna prendia-se com o facto de procurar uma resposta orientadora para a sua decisão em seguir o sacerdócio. A sua visita ao centro do cristianismo foi espiritualmente muito enriquecedora. Por indicação do Bispo de Orleães, Leão consegue uma audiência particular com o Papa Pio IX que, após ouvir o testemunho da sua vocação, o aconselha a frequentar o Seminário francês de Roma. O conselho do Papa foi para Leão a confirmação das suas intuições quanto à sua vocação. Ele próprio afirma ter ficado em paz, após a visita a Roma. Procurava regressar a casa, depois da longa viagem, e preparar-se espiritualmente para os tempos que se seguiriam.

O seu regresso à família foi marcado por algumas experiências dolorosas, decorrentes do embate que opunha a decisão do filho às aspirações dos seus pais. De facto, o seu pai via desmoronar todas as suas perspectivas quanto ao futuro do seu filho. Depois do curso de Direito, esperava que se concretizasse no filho o sonho da diplomacia ou da magistratura. Até a sua piedosa mãe, que habitualmente se mantinha do seu lado, agora também o procurava demover da sua opção pelo sacerdócio. Tinha medo de perder o filho, por este se tornar sacerdote. Leão encarou o embate com

³⁰ NHV IV, 1.

firmeza e determinação. Afirmou a sua maioria como justificação da oposição aos pais, e seguiu viagem novamente até Roma, onde chega a 25 de outubro de 1865, ingressando no Seminário Francês de Santa Clara. O Seminário era descrito pelo próprio como um edifício antigo e escuro. No entanto, escreve Leão nas suas Memórias: “Não importa, era feliz”³¹. Curiosamente, Leão sentia-se feliz num ambiente mais austero e modesto, quando tinha já experimentado uma vida mais fácil, mais confortável. A vida de Seminário agradava a Leão. O estudo, o ambiente espiritual e as novas amizades eram motivo para se sentir bem, no seu lugar, no lugar pelo qual tanto ansiara e esperara. Os estudos eram feitos na Universidade Gregoriana que pertencia à Companhia de Jesus, onde vários alunos, provenientes de vários países, estudavam. Os estudos eclesiásticos iniciavam com o estudo da Filosofia. Dada a sua experiência e dedicação, logo no final do primeiro ano defendeu a tese de doutoramento, seguindo para o estudo da Teologia. Foi aos estudos teológicos que Leão se dedicou com maior satisfação, encontrando nesta ciência uma bela forma de elevar o espírito e o coração a Deus³². A cada ano que passava, revelava-se um aluno brilhante nas ciências teológicas.

O jovem Leão afirmava-se como detentor de um carácter bem equilibrado, com uma nota para a sensibilidade, e por isso, emotivo. A educação familiar deu-lhe um carácter distinto, manifestado quer no falar, quer no trato pessoal. Essa sua qualidade levou-o a estabelecer facilmente relações e a privilegiar a amizade. É um jovem observador e aberto à cultura e às artes³³.

A vida espiritual no Seminário era uma exigência, correspondida por uma acrescida dedicação de Leão. Pouco depois da sua entrada no Seminário, Leão toma o Padre Freyd como seu diretor espiritual, com quem dialoga quinzenalmente e se

³¹ NHV IV, 123.

³² Cf. MANZONI Giuseppe, *Leão Dehon e a sua mensagem*, ed. Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus – Dehonianos, p. 123.

³³ Cf. MANZONI Giuseppe, *Leão Dehon e a sua mensagem*, ed. Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus – Dehonianos, p. 134.

confessa semanalmente. Adquire rapidamente hábitos de leitura espiritual, fazia mortificação pelos pecadores e sentia um forte desejo de santidade. Ele próprio descreve a sua experiência espiritual no seu primeiro ano:

“Nosso Senhor apoderou-se muito rapidamente do meu interior e aí estabeleceu as disposições que deviam ser a nota dominante da minha vida, apesar de mil falhanços; a devoção ao Seu Coração Sagrado, a humildade, a conformidade à Sua vontade, a união com Ele, a vida de amor, tal devia ser o meu ideal e a minha vida para sempre. Nosso Senhor mostrava-mo, e levava-me a isso incessantemente e preparava-me assim à missão que me destinava para a obra do Seu Coração.

Começava desde então a anotar quase dia a dia as minhas impressões; isso permite-me reencontrar de uma maneira segura os sinais da ação divina e do plano divino sobre a minha pobre alma”³⁴.

O seminarista Leão adota para a sua vida um lema espiritual, à semelhança dos grandes santos. *Domine, quid me vis facere?* (Senhor, que quereis que eu faça?) foi a frase escolhida como seu lema. Várias vezes a repetirá ao longo da sua vida, bem como o *fiat* (faça-se) que evoca a resposta de Maria ao Anjo, na Anunciação. Exprime assim o abandono total à vontade de Deus. Viver em oblação de amor é um valor fundamental na experiência de fé de Leão Dehon³⁵. A reparação será igualmente um elemento forte da espiritualidade de Leão, manifestada pela mortificação que fazia para reconduzir ao amor de Deus os que se encontravam mais afastados d’Ele. O testemunho de Francisco Libermann foi um precioso guia espiritual para Leão. Indicado pelo seu diretor espiritual como guia de oração, os escritos deste venerável francês, fundador da Congregação do Sagrado Coração de Maria, apresentam três estados de oração: a

³⁴ NHV IV, 183.

³⁵ Cf. MANZONI Giuseppe, *Leão Dehon e a sua mensagem*, ed. Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus – Dehonianos, p. 139.

meditação, a oração afetiva e a contemplação³⁶. Influenciado por Libermann, procura seguir este itinerário espiritual na sua vida.

Da sua vida espiritual enquanto seminarista destaca-se naturalmente a devoção ao Sagrado Coração de Jesus que, embora tivesse a influência de sua mãe, no contexto do Seminário ganha uma dimensão mais profunda, naturalmente associada aos conhecimentos que vai adquirindo pelo estudo. De facto, o aprofundamento da devoção ao Sagrado Coração de Jesus é feito por influência da leitura e meditação dos escritos de S. João, o discípulo amado. Leão ansiava por viver segundo o Coração de Jesus. Ansiava viver n'Ele e com Ele. Encontra-se neste caminho espiritual, rumo ao sacerdócio, na sua formação de Seminário – “espiritualmente orientado pela poderosa ação da graça fielmente correspondida, em vista de uma missão por enquanto ignorada”³⁷.

1.5 O Sacerdote Leão Dehon

O tempo feliz da formação no Seminário não anulou a oposição de seus pais no que dizia respeito à sua decisão. Leão sofria bastante com isso, no entanto não perdia a esperança de um dia os seus pais ultrapassarem a situação. Na expectativa de conseguir esse desejo, Leão, em 1868, convida os seus pais a visitarem Roma. De dois de novembro desse ano até à data da Ordenação de Leão, os seus pais permaneceram em Roma, tendo ficado alojados perto do Seminário onde residia o filho, de modo a permitir um maior contacto com ele. Ao longo desse período não só levou os seus pais a visitar os principais locais do centro da cristandade, mas também providenciou o

³⁶ Cf MANZONI Giuseppe, *Leão Dehon e a sua mensagem*, ed. Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus – Dehonianos, p. 141.

³⁷ RIBEIRO Fernando, *Padre Leão Dehon*, ed. Seminário Missionário Pe. Dehon, p. 46.

necessário para que pudessem viver ainda uma forte experiência religiosa. Essa experiência foi de facto importante para a conformação de seus pais à sua decisão de seguir o caminho do sacerdócio ministerial. O próprio Reitor do Seminário resolveu antecipar a Ordenação de Leão, marcada inicialmente para Junho, para que os seus pais pudessem estar presentes. E assim foi. No dia 19 de Dezembro de 1868, Leão é ordenado presbítero na Basílica de S. João de Latrão, juntamente com duas centenas de ordinandos, provenientes de diversas nações. A Celebração foi marcante não só para o próprio Leão, mas também para os seus pais que, pareciam ter mudado de postura em relação ao filho:

“Depois da ordenação fui desparamentar-me e, voltando-me, encontrei minha mãe ajoelhada diante de mim para receber a minha primeira bênção. Era demais. Estalei em soluços. Voltei ao seminário acompanhado por meus pais, mas esgotado pelas emoções. Meu pai estava completamente conquistado. Prometeu comungar no dia seguinte na minha primeira missa”³⁸.

Após a sua ordenação seguiu viagem com os seus pais até ao sul da Itália para repousar uns dias, antes de partir para La Capelle onde a 19 de Julho de 1869, celebraria a sua Missa Nova, sete meses após a sua Ordenação Presbiteral. Este período, compreendido entre a sua ordenação e o seu regresso a La Capelle, foi bastante exigente para o jovem padre Leão. Em Roma, preparavam-se os trabalhos para o Concílio Vaticano I, convocado pelo Papa Pio IX, por ocasião do décimo oitavo centenário do martírio dos apóstolos Pedro e Paulo. Para além das comissões preparatórias do Concílio era também necessário um grupo de estenógrafos. O Padre Dehon foi um dos escolhidos do Seminário francês para constituir esse grupo. A sobrecarga de trabalho acabou por abalar a saúde do jovem sacerdote, que regressaria a Roma, após a estadia na sua terra natal a 9 de outubro desse ano, no qual completara a licenciatura em

³⁸ NHV VI, 81-82.

Teologia. O seu novo regresso a La Capelle, após a conclusão dos estudos seria marcado pela guerra franco-prussiana que entretanto deflagrara. Foi um “terrível pesadelo, cheio de sofrimentos e angústias”³⁹. Estando impossibilitado, por lei de se alistar no exército, era sua vontade exercer o ministério de capelão militar, como forma de apostolado junto dos soldados, mas essa não era a vontade do seu bispo.

O Padre Leão regressa a Roma em março de 1871. Na viagem, faz uma paragem de quinze dias em Nîmes para se encontrar com o Padre d’Alzon e o Padre Désaire, a fim de conhecer a obra fundada pelo Padre d’Alzon – os assuncionistas. Através das suas Memórias podemos entender melhor a motivação de tal curiosidade pela vida religiosa:

“A minha permanência em Nîmes tinha uma grande importância para mim; queria ver o que era esta obra [a obra do P. D’Alzon e dos assuncionistas]. Tinha veleidades de entrar nela. Uma atividade intensa ocorria no meu íntimo desde havia dois anos. Por um lado queria ser religioso; por outro pensava que tinha chegado para a Igreja o momento de se comprometer com renovado ardor nos estudos superiores para retomar o seu ascendente sobre as inteligências. Juntava estes dois pensamentos. Parecia-me que a minha vocação era a de entrar numa comunidade religiosa entregue ao estudo e ao ensino”⁴⁰.

A vida religiosa era o ideal pelo qual aspirava o Padre Dehon.

De regresso a Roma, elaborou as suas teses e defendeu-as com sucesso. No verão de 1871 Leão obtém o grau de Doutor em Teologia e em Direito Canónico, e revela-se “um dos melhores alunos em todos os aspetos. Piedade, modéstia, gravidade, regularidade, dedicação para com os mestres, aplicação energética: tudo contribuía para o tornar muito estimado...”⁴¹.

³⁹ NHV VIII, 104.

⁴⁰ NHV IX, 3.

⁴¹ RIBEIRO Fernando, *Padre Leão Dehon*, ed. Seminário Missionário Pe. Dehon, p. 56.

Terminada a formação acadêmica, era chegado o tempo de colocar novamente a questão de abraçar a vida religiosa, sonho que desde há muito pensava concretizar. A experiência do Padre D'Alzon em Nîmes tinha agradado ao Padre Dehon, mas havia algumas dúvidas quanto à possibilidade de concretização de tal projeto. Sentia um impulso a dedicar-se não só à vida religiosa, mas igualmente ao estudo e ensino universitário. Leão procurava a vontade de Deus. Decidiu colocar-se à disposição do bispo de Soissons, Mons. Dours, que a três de novembro de 1871 o nomeia sétimo coadjutor da Basílica de S. Quintino. A vida paroquial nunca houvera sido uma aspiração do Padre Dehon, ainda assim aceitou a nomeação do seu bispo, procurando interpretá-la como vontade de Deus. Se a vida religiosa, com algum recolhimento e estudo o cativavam, a vida paroquial era quase o oposto. Leão dizia “faça-se” e abraçava mais uma missão com alegria aos vinte e oito anos de idade.

S. Quintino era uma cidade com cerca de trinta mil operários que viviam de forma desoladora, sem qualquer instituição promotora dos direitos dos seus direitos como operários. A exploração infantil era uma realidade muito dura, que colocava crianças a trabalhar dez a doze horas por dia. O ambiente nas fábricas era péssimo. As habitações dos operários são em número muito reduzido e com fracas condições de habitabilidade. A prostituição e o alcoolismo eram uma realidade, a prática religiosa dos operários era muito baixa. Enfim, muitos desafios para o início do ministério sacerdotal do jovem padre Dehon. Embora rapidamente ponha mãos à obra para ajudar a minimizar estes problemas sociais, Leão faz uma dura condenação de uma sociedade podre e apoia todas as reivindicações operárias que têm fundamento real⁴². Como coadjutor, Leão tinha a missão de ensinar às crianças o catecismo, nas escolas civis. Rapidamente tem uma intuição quanto a este serviço – a criação de um Patronato. Em

⁴² Cf. NHV IX, 92.

1872 aluga um terreno para a construção do edifício que será a sede do Patronato. A adesão é grande, de modo que, mais tarde, se criará um Círculo para adultos que procurava debater alguns problemas sociais, sobretudo os que estavam relacionados com a vida da classe operária.

O padre Dehon aproximava-se quer das classes trabalhadoras quer mesmo dos patrões a fim de minimizar os problemas e de os converter ao Evangelho. Também a população juvenil mereceu uma especial atenção do jovem presbítero. Criou um círculo de estudos religiosos e sociais que sensibilizava para os problemas sociais, procurando preparar jovens capazes de intervir no seu futuro laboral. É um grande impulsionador do associativismo católico. Era um verdadeiro pai espiritual para aquela população de S. Quintino.

Se é verdade que o Patronato de S. José foi um projeto onde o padre Dehon gastou muito das suas forças, também é verdade que muitos outros projetos se seguiram para evangelizar aquela população de S. Quintino. Aliás, a situação religiosa daquele território não andaria muito longe da situação hodierna. O clero era insuficiente, desencantado com o ministério e pouco criativo. Paralelamente, a prática religiosa era muito baixa. O padre Dehon procurava estratégias para aproximar as pessoas de Deus. Em 1874, o bispo nomeia-o secretário da Comissão diocesana das obras católicas. Rapidamente o padre Dehon organiza uma série de congressos sobre as obras católicas. Será num desses congressos, em 1875, que o bispo de Soissons, Mons. Thibaudier anuncia a nomeação do jovem padre Leão como cónego honorário da Catedral de Soissons. O trabalho continua para o agora cónego Dehon. A sua saúde é mais uma vez abalada, devido à demasiada ocupação e ao cansaço físico. Ainda assim, o seu zelo levá-lo-á sempre a buscar novas formas de apostolado.

“Descobrimos assim um outro aspecto do carácter e da espiritualidade de Leão. Não é um teórico, um homem dedicado só ao estudo. Não o será nunca na sua vida. Leão Dehon é um homem de acção (...)No fazer a vontade de Deus e na disponibilidade aos irmãos o jovem coadjutor exprime concretamente o seu espírito de oblação”⁴³.

Uma outra preocupação que tinha era a vida espiritual do clero. O padre Dehon considerava o trabalho para a santificação do clero como o melhor apostolado⁴⁴. Nesse sentido, ele próprio lançará as bases para a criação do “Oratório Diocesano” destinado a sacerdotes que procuravam seguir um plano espiritual de vida em comunidade, segundo “a regra do cónego Bartolomeu Holzhauser que, em 1640, havia fundado o Instituto de clérigos seculares, que viviam em comunidade, denominados em França «Barthélemites»”⁴⁵. A vida espiritual dos sacerdotes era para si uma grande preocupação porque ele próprio o sentia em relação a si mesmo. O seu receio era que o trabalho das obras lentamente o desviasse da vida espiritual.

Após um ano de experiência pastoral em S. Quintino, o padre Leão faz uns dias de retiro. Aí confirma o desejo de experimentar a vida religiosa. O excesso de trabalho teve de facto consequências na sua vida espiritual. O jovem sacerdote procura a vontade de Deus. Essa é uma exigência que o vai levando inclusivamente a negar algumas propostas que lhe são feitas, como lecionação de uma cátedra na Universidade de Lille, ou mesmo o convite que o padre Freyd lhe faz em 1874 para entrar na Congregação dos Padres do Espírito Santo, com o objetivo de este lhe suceder no cargo de superior. Em 1875, o jovem sacerdote, após um caminho de discernimento, opta pela vida religiosa:

⁴³ MANZONI Giuseppe, *Leão Dehon e a sua mensagem*, ed. Província Portuguesa dos sacerdotes do Coração de Jesus – Dehonianos, p. 249.

⁴⁴ Cf. NHV X, 174.

⁴⁵ MANZONI Giuseppe, *Leão Dehon e a sua mensagem*, ed. Província Portuguesa dos sacerdotes do Coração de Jesus – Dehonianos, p.242.

“Estou demasiado ocupado em São Quintino. Demasiadas obras. No Seminário, sentia a atração e o hábito da vida interior. Estou esmagado por tanta atividade; não posso reservar para mim os momentos de recolhimento que me são necessários”⁴⁶.

Este período foi particularmente exigente para o Padre Dehon. A opção pela vida religiosa, para além das dúvidas naturais de um processo de discernimento, compreendia também o abandono de todos os projetos que abraçara em S. Quintino e que, apesar de lhe provocarem cansaço, davam-lhe igualmente gosto.

Após a decisão de seguir a vida religiosa, surgia a questão: onde se faria religioso? Muitas eram as opções. Já tinha recusado a entrada na Congregação dos Padres do Espírito Santo. Havia também os jesuítas, os dominicanos, os assuncionistas. Mas a vontade de Deus conduzirá o Padre Dehon para outro caminho – a fundação dos Oblatos do Coração de Jesus.

1.6 A fundação do Colégio de S. João e os Oblatos do Coração de Jesus

O Padre Dehon parecia determinado quanto à vida religiosa. O seu desejo profundo era a fundação de uma congregação com uma espiritualidade semelhante à das servas do Coração de Jesus, com quem trabalhara em S. Quintino. A sua devoção ao Coração de Jesus, o seu desejo de reparação e a sua espiritualidade marcadamente oblativa, levaram-no a estabelecer contactos que lhe permitissem conhecer pessoas que, com a mesma intuição tivessem iniciado processos de fundação semelhantes. Nesse contexto conhece a Madre Verónica, fundadora das Vítimas do Coração de Jesus em Marselha. Soube também que nessa cidade houve tentativas da fundação de uma congregação masculina com uma espiritualidade semelhante, mas parecia não ter tido

⁴⁶ NHV XI, 145.

sucesso. Mais tarde o Padre Dehon estabelece contacto com o Padre André Prévot, de Marselha, que será o seu companheiro de vida na futura congregação.

No dia oito de junho de 1877, curiosamente na festa do Coração de Jesus, o padre Dehon expõe ao seu bispo o desejo de se tornar religioso e de fundar uma congregação. O seu desejo era fundar inicialmente um colégio que serviria de base para a criação da congregação. Mons. Thibaudier acolheu a proposta do jovem cónego, mas, prudentemente, pediu algum tempo para refletir no assunto. Após algumas semanas o bispo manifesta ao padre Dehon o consentimento ao seu projeto, numa carta escrita a 13 de julho desse ano. Para o padre Dehon esta data será marcante.

A carta do bispo será a confirmação do seu carisma como fundador da nova Congregação e será o selo de Deus para a concretização do seu projeto. Confiando na Providência divina, no mesmo dia em que recebe a carta do Prelado, o jovem sacerdote investe o dinheiro que possuía no aluguer de uma pensão, com a pretensão de mais tarde a comprar. Nessa casa nasceria o Colégio de S. João e esta seria o berço da Congregação dos Oblatos do Coração de Jesus. Em julho desse ano o padre Dehon inicia um curso de exercícios espirituais e procura redigir as Regras e as Constituições do novo Instituto. É influenciado por Santo Inácio de Loyola e por Santa Maria Madalena, procurando que a reparação e o apostolado sejam a marca da nova fundação. Posteriormente começa a estruturar o Colégio e, após adquirir alguns terrenos adjacentes ao mesmo, inicia as obras de ampliação. Rapidamente o padre Dehon recebe apoios de vários benfeitores, nomeadamente de duas Irmãs, servas do Coração de Jesus, que se disponibilizam a prestar serviços domésticos no novo Colégio.

As Servas do Coração de Jesus serão, de facto, o grande apoio do Padre Dehon. Mas, não são só as ajudas que vêm rapidamente. Com elas vem também algum sofrimento. Com a abertura do novo Colégio o Padre Dehon sente a perda de alguns

amigos, dominados porventura por sentimentos de inveja, que não deixavam insensível o jovem sacerdote. A sua saúde era novamente abalada. Porém, foram bastante positivos os primeiros anos de funcionamento do Colégio. No dizer do fundador, “foram anos muito lindos, cheios de atividade, prósperos, alegres, fecundos para a formação cristã dos jovens”⁴⁷.

Após um ano de noviciado, a 28 de Junho de 1878 ocorrem os primeiros votos, numa celebração presidida pelo arcepreste Mathieu, delegado do bispo de Soissons. O Padre Dehon adota o nome de João como nome religioso, numa referência ao discípulo amado do Senhor. Era o único religioso da Congregação. Fez publicamente os votos de castidade, pobreza e obediência. Nesse mesmo dia, em privado, fez o voto de vítima ou imolação ao Coração de Jesus. Diz ele:

“Entreguei-me sem reserva ao Sagrado Coração. A minha emoção foi muito profunda. Sentia que tomava a cruz sobre os ombros, dando-me a Nosso Senhor como reparador e fundador de um novo Instituto”⁴⁸.

Paulatinamente, à medida que os anos passavam, ia aumentando o número dos religiosos do novo Instituto. Em 1880 havia já doze noviços, entre os quais quatro sacerdotes. Graças a grandes homens, considerados pelo Padre Dehon como as colunas da obra, o seu projeto ia crescendo. Entre esses homens contam-se o padre Afonso Rasset, o padre Matias Legrand e o padre Barnabé Charcosset, verdadeiros companheiros de vida do fundador do novo Instituto.

Cedo vieram também as provações que dificultavam o projeto de vida do Padre Dehon. Entre eles o desvio de algumas heranças que pertenciam, por direito, ao novo Instituto e ao próprio Padre Dehon. Também a morte do seu pai e o incêndio que

⁴⁷ NHV XIII, 2;

⁴⁸ NHV XIII, 100;

destruiu parcialmente o edifício do Colégio são exemplos de algumas provações pelas quais passou o Padre Dehon neste início da Obra do Oblatos.

Com o crescimento do número de interessados, sobretudo o número dos mais jovens, tornou-se necessário criar uma outra escola. Assim aconteceu em 1882, com a criação da Escola Apostólica de S. Clemente em Fayet, perto de S. Quintino.

O ambiente em França, nos fins do século XIX era muito anticlerical. A República veio reacender a hostilidade às Ordens religiosas. Os Jesuítas foram expulsos, bem como muitas outras Congregações. O Padre Dehon temia que também os Oblatos fossem obrigados a terminarem o seu projeto comum. Felizmente, graças à ausência de documentação que comprovasse canonicamente a existência dos Oblatos como Congregação religiosa, a experiência pôde ser continuada, sem entraves do Estado. Ainda assim, o Padre Dehon, com medo de uma possível ameaça de dissolução da Obra, previne-se adquirindo, em 1883, um velho castelo em Watersleyde, na Holanda, que mais tarde funcionará como Seminário Menor.

A maior provação estaria ainda para vir. Quando o padre Dehon aceita nos Oblatos Tadeu Captier, que mais tarde viria a ser ordenado sacerdote, estava longe de prever as consequências de tal decisão. Apesar do seu carácter piedoso, o Padre Tadeu Captier rapidamente se manifestou como desequilibrado. Dizia ouvir vozes angélicas, e até chegou a redigir um modelo para as Constituições dos Oblatos, que rapidamente fora negado pelo Padre Dehon, pois considerava-o irrealizável. Todos estes problemas, relacionados com o desequilíbrio do Padre Captier surgem quando o mesmo está à frente da Escola de Fayet. Naturalmente foi uma fonte de preocupações para o Padre Dehon. Rapidamente o bispo é conhecedor de alguns problemas da escola e envia ao arcebispo de Reims alguns relatórios com o objetivo de ser criada uma comissão examinadora que esclarecesse a situação, quanto às revelações particulares do Padre

Captier. A comissão deu um parecer negativo e, ainda assim, pouco satisfeito o bispo de Soissons remete o caso para Roma, não incluindo na documentação as Constituições do novo Instituto nem aspetos da vida do fundador. De facto a intenção primeira do Prelado era resolver as questões relacionadas com os fenómenos estranhos. Roma, perante a situação, abre um inquérito para o qual é solicitado o depoimento do Padre Dehon. Passados alguns meses, o mesmo é informado do desfecho do processo, levado a cabo pela comissão cardinalícia do Santo Ofício: é ordenada a suspensão dos Oblatos, e o Padre Dehon é aconselhado a desistir da Congregação. A reação do Padre Dehon encontra-se expressa nas suas *Memórias*:

“Recebi esta sentença de morte na linda festa de 8 de Dezembro (a Imaculada). Estava atirado por terra e triturado. Tinha-me, portanto, enganado. Como seria o meu futuro? Ficava-me o Colégio; mas não era essa a minha atração nem a minha vocação. Tinha-o fundado para encobrir o resto (a congregação). Não o podia manter sem o Instituto religioso; os professores ter-me-iam custado muito e nem sequer os encontraria. Teria sido desacreditado. Estava oprimido pelas dívidas e sem remédio. Como religioso podia pedir esmola, como diretor do Colégio, não. Sabe Deus o que sofri naqueles dias de morte. Sem uma graça especial teria perdido a razão ou a vida”⁴⁹.

1.7 O emergir de uma nova fundação – Sacerdotes do Coração de Jesus

O Padre Dehon, apesar da decisão vinda de Roma, não duvida que os Oblatos eram da vontade de Deus. E perseverante na fidelidade à vontade divina, escreve uma belíssima carta ao seu bispo:

“Monsenhor, vossa excelência sabe que fundei o Instituto dos Oblatos do Coração de Jesus com a única intenção de fazer a vontade de Deus e de procurar a sua glória... Nosso Senhor pede-me agora para destruir o que me pediu para construir. Não posso ter, por um instante sequer, a ideia de resistir. Seria mil vezes insensato. Não posso dizer outra coisa que o meu *fiat!*. Vós sabeis quanto isto me é doloroso. A morte sê-lo-ia cem vezes menos... Tudo ficou destruído e feito em

⁴⁹ NHV XIV, 182.

pedaços: a honra, os recursos económicos investidos, as esperanças e muitas outras coisas que não posso dizer. Mas que é tudo isto? O que mais me atormenta é um pensamento de que não me posso abstrair: Nosso Senhor quis esta Obra, e eu fi-la fracassar com as minhas infidelidades. Não quero ver nisto só a perda das maiores graças, mas, sobretudo, os desígnios de Deus contrariados e a glória, que Ele esperava, não conseguida por causa das minhas culpas. Este é o sofrimento que nada pode aliviar...

Agora, Monsenhor, tudo coloco nas vossas mãos, pedindo-vos perdão pela imperfeição da minha obediência no passado... Peço-vos que não olheis para a minha pessoa. Seria até muito feliz se pudesse, com todas as minhas humilhações e destruições, reparar as minhas faltas passadas e oferecer a Nosso Senhor alguma compensação. Farei tudo quanto vossa Excelência me mandar em nome da santa Igreja e na hora em que entender”⁵⁰.

O Prelado, após a leitura da carta, ficou verdadeiramente consternado. Ele próprio tinha sido surpreendido com a decisão do Santo Ofício e reconhecia no Padre Dehon o carisma que o levou a avançar no projeto dos Oblatos. Nesse sentido, o bispo tomou providências para que os membros do Instituto se mantivessem onde estavam, ordenando ao Padre Captier que abandonasse a diocese e se recolhesse na família. Deslocou-se, em janeiro de 1884, novamente a Roma para colocar algumas questões ao Santo Ofício, pretendendo restabelecer o Instituto fundado pelo Padre Dehon. A vinte e nove de março desse ano veio a resposta por meio de um decreto do Santo Ofício, que abria portas a uma reconsideração, colocando nas mãos do bispo diocesano “a faculdade de reunir os sacerdotes da sociedade dissolvida numa nova, exclusivamente diocesana, absolutamente diferente da anterior e com outra designação”⁵¹. Assim nascia uma nova Congregação diocesana, designada de Sacerdotes do Coração de Jesus e mantinha como fundador o Padre Leão Dehon.

Se a supressão dos Oblatos do Coração de Jesus foi um motivo de grande sofrimento e provações, a verdade é que a oportunidade da nova fundação foi uma graça

⁵⁰ Carta do Padre Dehon dirigida a Mons. Thibaudier no Natal de 1883 (Cf. MANZONI Giuseppe, *Leão Dehon e a sua mensagem*, ed. Província Portuguesa dos sacerdotes do Coração de Jesus – Dehonianos, p. 323).

⁵¹ RIBEIRO Fernando, *Leão Dehon*, ed. Seminário Missionário Pe. Dehon, p. 96.

que mais tarde será reconhecida pelo Padre Dehon, na medida em que permitiu regressar a nova fundação à verdadeira simplicidade, própria do carisma impresso pelo fundador. Depois da nova fundação, seria o tempo de o Padre Dehon redigir as Constituições dos Sacerdotes do Coração de Jesus. Fê-lo num longo retiro, em julho de 1877, após a autorização do bispo para dar início ao Instituto. Mais tarde completaria as mesmas Constituições em 1881 e 1885. As mesmas receberiam aprovação do Prelado diocesano em 1885 e em 1886. As Constituições são o texto fundamental da nova Congregação e contêm o carisma específico determinado pelo fundador. Esta devia ser uma “Congregação que trabalhasse em total fidelidade ao espírito originário de amor e de reparação, em ordem ao estabelecimento do Reino do Coração de Jesus nas almas e na sociedade”⁵².

Rapidamente a nova Congregação recebeu numerosas vocações. A vinte e cinco de fevereiro de 1888 é anunciado o Decreto de Louvor, vindo de Roma e que abria novas portas à Congregação, uma vez que já não estaria sob a tutela do bispo de Soissons. A Congregação expandia-se para outros países como a Holanda, o Luxemburgo, a Itália, a Bélgica, o Brasil. Em 1908 a Congregação é dividida em duas Províncias: a Província Ocidental e a Província Oriental. Ao longo dos anos, o Padre Dehon revelou-se um Pai espiritual para os membros da Congregação. Escrevia regularmente a cada comunidade, advertindo muitas vezes para a necessidade da vida espiritual.

Em 1920 o Papa Pio XI encarrega a Congregação de construir na cidade de Roma uma Igreja dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. Esta foi uma missão abraçada com especial entusiasmo pelo Padre Dehon. A 18 de julho de 1922 a Santa Sé confirma o Padre Dehon como Superior Geral vitalício da Congregação. Tinha setenta e nove

⁵² RIBEIRO Fernando, *Leão Dehon*, ed. Seminário Missionário Pe. Dehon, p. 101.

anos. Três anos mais tarde, a doze de agosto de 1925, morre em Bruxelas, deixando um forte legado espiritual e social, como comprovam as numerosas obras que, ao longo da sua vida, escreveu. Obras de carácter espiritual, sobre o Sagrado Coração de Jesus, mas também obras sociais, fortemente influenciadas pela encíclica *Rerum novarum* de Leão XIII.

Espiritualmente influenciado pela escola francesa de espiritualidade, que encontra em Pedro de Bérulle, em São João Eudes e em Santa Margarida Maria Alacoque, os testemunhos que iriam tornar esta escola de espiritualidade profundamente oblativa e reparadora, o Padre Dehon revelou-se “um homem de ação, vulcânico, sempre disposto a novas iniciativas de bem, a novas obras e, ao mesmo tempo, um homem abandonado à vontade de Deus, numa atitude contemplativa, que caracteriza a sua vida”⁵³.

⁵³ MANZONI Giuseppe, *Leão Dehon e a sua mensagem*, ed. Província Portuguesa dos sacerdotes do Coração de Jesus – Dehonianos, p. 251.

CAPÍTULO II

A ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL NA OBRA “*LE COEUR SACERDOTAL DE JESUS*” DO PADRE LEÃO DEHON

Apesar das consequências nefastas provocadas pela Revolução Francesa, sobretudo a nível económico e social, e das sucessivas crises e guerras que se lhe seguiram, a espiritualidade do século XIX revelou-se estimulante e profunda, sobretudo porque provavelmente esta era a reação cristã à instabilidade social que se respirava, e que arrastava consigo a aniquilação de alguns valores que eram entendidos como universais.

A espiritualidade sacerdotal é largamente aprofundada neste período, como testemunham as numerosas publicações da época. Os candidatos ao sacerdócio, cuja formação teológica é relativamente exígua durante grande parte do século XIX, são formados numa certa austeridade que não os prepara diretamente para o cumprimento dos deveres sacerdotais. O ideal do sacerdócio é exaltado e, nesta época, sobressaem algumas figuras de sacerdotes diocesanos e religiosos que, pela sua piedade, edificavam os fiéis, tornando-se ícones da santidade do sacerdote. A este propósito, evidencia-se nesta época a figura do Santo Cura d’Ars. Há nesta época, no respeitante à espiritualidade sacerdotal, uma clara distinção entre vida espiritual e vida pastoral. A vida pastoral muito raramente é entendida como um meio de santificação do sacerdote. A ideia de que o sacerdote se santifica no exercício do seu ministério apenas se encontra num ou noutro autor que entende a vida espiritual e a vida pastoral intimamente unidas.

Neste contexto surge, nos inícios do século XX, mais concretamente em 1907, o livro “O Coração Sacerdotal de Jesus”, escrito pelo Padre Leão Dehon. A obra contém trinta e três meditações destinadas a padres e a clérigos. Nela se encontram a base e o

itinerário de uma verdadeira espiritualidade sacerdotal que tem como característica fundamental a união a Cristo Sacerdote e Vítima e que retrata algumas perspectivas sobre o sacerdócio, decorridas da reflexão do Concílio de Trento e de outros mestres da Tradição cristã. O sacerdote é entendido como homem do culto, isto é, homem do altar, da Eucaristia e da absolvição, dos sacrifícios, dos ritos, o homem da religião. O Sacrifício adquire enorme importância na vida e na espiritualidade do sacerdote⁵⁴. Há porém uma outra dimensão que é exaltada neste período: a mediação. O sacerdote é mediador entre Deus e os homens, em ordem à sua reconciliação pela oferta dos homens a Deus e de Deus aos homens⁵⁵. O sacerdote é então entendido como “o profeta que rege a comunidade dos crentes, guiando-a para a salvação escatológica mediante o serviço da palavra, entendida em toda a sua acepção”⁵⁶. Uma outra concepção de sacerdote, muito presente na escola beruliana⁵⁷ entendia o sacerdote como o “consagrado, o homem de Deus, reservado a fim de prolongar a missão de adoração e de redenção própria do Verbo incarnado”⁵⁸. Estas perspectivas da espiritualidade sacerdotal da época marcaram a espiritualidade do Padre Dehon e a sua visão de sacerdócio que se encontram retratadas na obra em estudo. O padre é, para Leão Dehon, sobretudo o homem do culto e o homem consagrado a Deus.

O Padre Dehon pretende, na sua obra *O Coração Sacerdotal de Jesus*, propor uma espiritualidade do coração, do amor, que deve ser, no seu entender, o “caráter da religião nova”⁵⁹. Aponta, como razão mais profunda do mistério da Salvação, o Amor, que é o Ser e a Vida da Trindade, mas também a motivação de todas as suas intervenções, incluindo a Redenção. Na introdução à obra em análise, o Padre Dehon

⁵⁴ Cf. CAPRIOLI M., *Sacerdozio e santità*, Edizioni del Teresianum – Roma 1983, p. 53.

⁵⁵ Cf. CAPRIOLI M., *Sacerdozio e santità*, p. 58.

⁵⁶ Cf. CAPRIOLI M., *Sacerdozio e santità*, p. 61.

⁵⁷ de Pedro de Bérulle.

⁵⁸ CAPRIOLI M., *Sacerdozio e santità*, Edizioni del Teresianum – Roma 1983, p. 64.

⁵⁹ DEHON Leão, *Le Coeur sacerdotal de Jesus*, in *Oeuvres Spirituelles*, ed. Cedas Andria – Collegio Missionario S. Cuore, 1983, XXX meditação.

afirma que “a devoção ao Coração de Jesus explica tudo com uma só palavra: Amor”⁶⁰. A correspondência ao Amor divino deverá realizar-se, portanto, por meio de uma íntima união ao Coração de Jesus. O que o Padre Dehon propõe aos sacerdotes, através das suas meditações, é que todos “tenham os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus” (Fl 5, 2) e, com Jesus Sacerdote, se tornem eles também sacerdotes segundo o Seu Coração, de modo que essa espiritualidade transforme a sua vida e as suas relações. Estas relações deverão estar sempre marcadas pelo Amor, pela cordialidade.

“Não é nesta escola do Coração sacerdotal de Jesus que havemos de aprender a nos tornarmos verdadeiros e santos sacerdotes?

Sim, contemplemos o Coração sacerdotal. Estudemos os seus pensamentos, sintamos as suas pulsações, meditemos nos seus amores. Ele vai-nos dizer todas as virtudes sacerdotais, todos os deveres, toda a vida, toda a perfeição do padre.

No contacto com o Coração sacerdotal de Jesus, ousamos dizer que todo o padre há-de tornar-se mais padre do que o não era precedentemente”⁶¹.

2.1 O sacerdócio ministerial configurado com o sacerdócio de Cristo

O Padre Dehon, ao propor uma espiritualidade sacerdotal, parte do fundamento do sacerdócio, a Trindade, e considera que é aí que deve estar alicerçada a espiritualidade do sacerdote. Esse é o fundamento da sua espiritualidade. O sacerdócio, como afirma o autor na primeira meditação, tem origem no seio do Pai, uma vez que “o Verbo é como que o sacerdote eterno do Pai na vida íntima e imanente da Santíssima Trindade”⁶². O sacerdócio do Verbo é exercido com o Coração que dá glória e Amor ao Pai. Este sacerdócio, exercido na Trindade, é o mesmo sacerdócio exercido por Cristo depois da Encarnação e é continuado pelos ministros da Igreja. O Pai é, portanto, no

⁶⁰ DEHON Leão, *Le Coeur sacerdotal de Jesus*, Introdução

⁶¹ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Tradução: José Jacinto Farias, scj.

⁶² DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação I.

entender do Padre Dehon, o primeiro Pontífice porque dá a Si a única glória digna d'Ele. Como afirma o Padre Dehon na primeira meditação da obra, “podemos, com os Padres, ver na glorificação do Pai pelo Filho um tipo eminente do sacerdócio”⁶³.

O Coração Sacerdotal de Jesus é o Coração do Verbo incarnado, unguído para realizar a obra da Salvação no mundo. Mas a unção que recebe está associada “sobretudo ao seu Coração”⁶⁴.

“Jesus é sacerdote em todo o seu ser, mas o seu *Coração* é o centro da sua vida sacerdotal. É no seu coração que Ele aceita a sua missão e o seu sacrifício: «Eis-me, diz ao seu Pai, e a vossa vontade será a lei do meu coração» (Sl 39)”⁶⁵.

O coração é, portanto, “o principal órgão do sacerdócio de Jesus”⁶⁶. O Pai dá um coração sacerdotal ao Filho para que o Filho o louve e o ame a partir do coração, de onde “procedem todo o louvor, todo o amor, todo o sacrifício”⁶⁷. O Pai, reclama assim do Filho o amor que no Livro do Deuteronomio nos é colocado deste modo: “Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças” (Dt 6, 5). O coração de Jesus é um coração oblato, um coração sacerdotal. Esta realidade leva o Padre Dehon a concluir:

“O seu coração é um coração de sacerdote. O sacrifício, a imolação de si mesmo e a glorificação do seu Pai, serão a sua obra por excelência, o pensamento dominante da sua vida, a inclinação constante do seu coração. O seu coração divino e humano será para sempre um *coração de sacerdote*: «*Tu es sacerdos in aeternum*: Tu és sacerdote para sempre. – O teu coração deve ser para sempre um coração de sacerdote»”⁶⁸.

⁶³ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação I.

⁶⁴ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação III.

⁶⁵ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação III.

⁶⁶ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação III.

⁶⁷ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação III.

⁶⁸ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação III.

O coração de Cristo vive portanto inclinado para o Pai e para o cumprimento da Sua vontade. Este modelo sacerdotal deve inspirar, no entender do Padre Dehon, a espiritualidade dos sacerdotes que, como Cristo, devem fazer tudo para que a vontade do Pai se realize no mundo. O coração sacerdotal de Jesus deve ser modelo para a vivência da fé de todo o cristão, particularmente dos padres. Assim o refere:

“N’Ele, oferecemos as nossas orações e as nossas obras e nisto todos temos, mesmo os mais simples féis, alguma parte no seu sacerdócio: *gens sancta, genus sacerdotale*... Todos os santos do céu, todos os santos da terra e do purgatório, todos os cristãos não têm senão um coração em Nosso Senhor, um coração sacerdotal que oferece a Deus louvor, amor e sacrifício: *Hoc sentite in vobis quod et in Christo Jesu* (Fl 2, 5)”⁶⁹.

O Verbo, embora ungido sacerdote desde toda a eternidade, recebe, no momento da Incarnação, essa unção sacerdotal de forma mais explícita, pois aí manifesta o Seu amor pela humanidade, um amor que se faz carne. O inspirador da Sua oblação é o Espírito Santo. Nesse sentido, o sacerdócio ministerial é um “prolongamento da missão de Cristo: «Como o Pai me enviou, Eu vos envio» (Jo 20, 21)”⁷⁰ e o Espírito Santo é a sua alma, colocando no coração dos sacerdotes os “mesmos sentimentos de Cristo Jesus” (Fl 2, 15), fazendo-os participantes do Seu sacerdócio:

“Como o nosso sacerdócio é grande e santo! O Espírito Santo é a sua alma e inspiração e não pode dar-nos outras disposições senão as de Jesus. Como o Salvador, devemos ser ao mesmo tempo sacerdotes e hóstias. Devemos sacrificar-nos pela salvação das almas. Devemos estudar Jesus, seguir e imitar Jesus. «*Fac secundum exemplar*». O evangelho é a nossa lei. O Coração sacerdotal de Jesus é o nosso modelo, o nosso ideal, o nosso tudo. Na medida em que a nossa fraqueza o permita, devemos reproduzir a sua santidade, a sua pureza, o seu zelo, a sua generosidade”⁷¹.

⁶⁹ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Introdução.

⁷⁰ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação III.

⁷¹ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação III.

O coração do Verbo incarnado é um coração de sacerdote e de vítima, um coração que, por amor, oferece ao Pai o sacrifício de si mesmo, para glória do mesmo Pai e para nossa salvação. O Coração de Jesus é símbolo do amor com que o Salvador nos amou e é, sobretudo, o seu próprio amor, o seu amor ferido pelo sacrifício, o seu amor de sacerdote e de vítima. A Encarnação, a Paixão, a Eucaristia, são manifestações desse amor. Aliás, toda a vida de Jesus foi um contínuo sacerdócio.

Os três grandes rios de amor da Encarnação, da Paixão e da Eucaristia partem deste oceano e a ele voltam depois de terem percorrido o mundo no seu curso vivificante e salutar. Tudo está ali, todos os mistérios da salvação, todos os benefícios de Deus, todas as riquezas da sua graça e da sua misericórdia, o Coração de Jesus, sacerdote e vítima de amor, contém tudo isso”⁷².

O Padre Dehon faz assim um percurso, através das meditações contidas na obra em análise, que parte da concentração trinitária nas três primeiras meditações, considerando o sacerdócio de Cristo no seio da Trindade como glorificador e adorador do Pai. Posteriormente considera a Encarnação como sinal visível da unção do Espírito e consagração do sacerdócio para a salvação da humanidade, concretizada na Sua imolação, e, finalmente, considera a Sua glorificação no céu e na Eucaristia onde torna presente e perpetua o seu sacerdócio.

“Na terra [Cristo] é também o único verdadeiro sacerdote na oblação eucarística que se faz todos os dias. Somente Ele, de facto, tem o direito e a autoridade, para oferecer este sacrifício. Porque é o mesmo sacrifício que o da cruz, que outro senão Nosso Senhor pode ter a autoridade para o oferecer? Porque a vítima é divina, que outro sacerdote seria digno de o oferecer?”⁷³.

A partir da reflexão centrada no coração sacerdotal de Jesus, o Padre Dehon considera que o sacerdócio ministerial é a “sombra do sacerdócio eterno de Cristo”⁷⁴.

⁷² DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Introdução.

⁷³ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação IV.

⁷⁴ Cf. DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação IV.

Sendo sombra, deve ser sempre devedor da luz que é Cristo, sacerdote e Vítima, com quem gera uma relação de necessária dependência. Só essa dependência da luz justifica a existência da sombra.

O sacerdócio ministerial é, portanto, para o Padre Dehon, uma participação no sacerdócio de Cristo, de modo que, os ministros, no exercício do seu ministério, são “órgãos do Seu coração adorável”⁷⁵ e oferecem com Ele o único sacrifício da Igreja. A partir daqui podemos entender que a espiritualidade sacerdotal dehoniana considera a união a Cristo como um fator determinante para a eficácia do exercício do ministério. O ato e o hábito de união a Cristo “são o melhor meio para realizar os deveres sacerdotais de um modo perfeito”⁷⁶, como refere o Padre Dehon. Só assim haverá a necessária identificação com Cristo, que fará com que o sacerdote viva com Ele, por Ele e n’Ele. A esse propósito, afirma o Padre Dehon: “no contacto com o coração sacerdotal de Jesus, ousamos dizer que todo o padre há-de tornar-se mais padre do que era precedentemente”⁷⁷.

O coração de Jesus, ferido por amor, consumou-se no sacrifício da cruz. O sacerdote, participando na missão sacerdotal de Cristo, deve estar disponível para o sacrifício e para o serviço, quando a glória do Pai e o bem dos fiéis o exigirem. Essa é a configuração do sacerdote com o sacerdócio de Cristo.

“Como o nosso sacerdócio é grande e santo! O Espírito Santo é a sua alma e a sua inspiração e não nos pode dar outras disposições senão as de Jesus. Como o Salvador, devemos ser ao mesmo tempo sacerdotes e hóstias. Devemos sacrificar-nos pela salvação das almas”⁷⁸.

⁷⁵ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação IV.

⁷⁶ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Introdução.

⁷⁷ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Introdução.

⁷⁸ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação III.

2.2 A imitação de Cristo: expressão da espiritualidade sacerdotal

O sacerdote deve ser também um homem de adoração, que é consequência da sua união com Cristo. A adoração deve ser uma constante na sua vida e deve estar unida à adoração de Cristo ao Pai. Nela, o sacerdote oferece a humanidade a quem é enviado. Deste modo, não se une a Cristo apenas na glorificação do Pai mas, tal como Ele, oferece-se ao Pai e, na sua oblação, inclui também os homens por quem deve dar a vida.

“Jesus não adorava apenas para si. Tudo o que Jesus, o nosso sacerdote, fez em si mesmo, fê-lo ao mesmo tempo para si mesmo e por nós, em nosso nome, em nosso lugar, em nosso favor, como não fazendo senão um só conosco, sem nunca se isolar de nós, levando-nos sempre consigo, e isto indissolivelmente porque Ele de algum modo não está completo senão em nós, segundo uma muito extraordinária expressão de S. Paulo: *Ecclesia, quae est corpus ipsius et plenitudo ejus* (Ef 1, 23). Ora, resulta desta magnífica e tocante doutrina, que Nosso Senhor, sacerdote e hóstia de adoração, de louvor, de perfeitíssima religião, diante da Majestade de seu Pai, durante toda a sua vida, sobre a cruz, no céu, no santo altar, faz-nos padres e hóstias como Ele, com Ele e n’ Ele. Porque Ele é o Chefe, o Rei de toda a criatura. Faz-se nosso representante, nosso suplente. No seu coração sacerdotal, abaixa as nossas almas diante do seu Pai. Depois eleva-as para o seu Pai. Nada constitui obstáculo a esta dignidade de sacrificador. A sua religião abraça tudo, todos os lugares e todos os tempos: imensa oblação, universal louvor, culto supremo oferecido a Deus em nome de tudo o que não é Deus”⁷⁹.

A união a Cristo na busca da perfeição é um ideal que marca fortemente a espiritualidade sacerdotal do Padre Dehon. Esta união a Cristo deve estar presente em todas as fases da vida do vocacionado ao sacerdócio, começando pela preparação para o ministério que se realiza em primeiro lugar no seio de uma família, onde se recebe a educação cristã que há-de despertar para a descoberta da vocação. O Padre Dehon refere que é necessário fazer memória dos que nos ajudaram no caminho da descoberta vocacional, tal como S. Paulo recomendava a Timóteo “que se recordasse da fé da sua avó e da sua mãe” (Cf. 2 Tm,1). É igualmente necessário um regresso à infância para

⁷⁹ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação VII.

que, através desse movimento da memória, o sacerdote não esqueça a origem do seu chamamento e recorde que é necessário despertar noutras crianças e jovens a vocação ao sacerdócio. Assim afirma o Padre Dehon:

“Quantas lições para o jovem clérigo, e para o sacerdote que tem a missão de preparar crianças e jovens para o sacerdócio! Obediência, estudo, piedade, tal é o programa desta longa preparação! Durante os seus longos anos de Nazaré, Jesus pensou nos jovens clérigos de todos os tempos, abençoava-os, rezava, sacrificava-se por eles”⁸⁰.

O tempo de preparação para o sacerdócio deve ser marcado também pela dedicação ao estudo. O Padre Dehon, partindo sempre da experiência de Jesus para ilustrar o dever do sacerdote, refere a este propósito que a dedicação ao estudo estava presente em Jesus e que pode ser contemplada no episódio do seu encontro com os doutores no Templo. No seu entender, a dedicação ao estudo deve ser uma realidade permanente no sacerdote, não só no tempo de preparação, mas igualmente ao longo do seu ministério. Só assim se evitará que o sacerdote caia em doutrinas desviantes, afastando-se da Verdade do Evangelho. Quando se referia ao estudo, o Padre Dehon não se referia apenas à Teologia, mas igualmente ao estudo de “tudo o que possa ser útil à missão do sacerdote, segundo os tempos e lugares onde exercem o seu ministério”⁸¹.

Na nona meditação da obra sobre a qual nos debruçamos, o Padre Dehon escreve acerca do cultivo da interioridade e do recolhimento que devem estar presentes nos sacerdotes. Esse desejo de recolhimento deve estar associado à solidão que abre portas à presença de Deus. O padre deve, portanto, desejar a solidão como condição para a fecundidade da vida interior. Somente nessa certeza o recolhimento será abertura ao mistério de Deus.

⁸⁰ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação VII.

⁸¹ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação VIII.

“Jesus foi o homem dos retiros, como deve ser o padre. Ele oferece-se ao mundo, age, fala, cura, consola, faz-se tudo para todos; mas, feito isto, a solidão retoma os seus direitos... esta alma unida à divindade levava por toda a parte com ela a sua solidão, mesmo no meio do trabalho e do barulho; mas Jesus procurava o recolhimento visível, para a instrução dos seus e para a nossa. É preciso saber recolher-nos, nós também. Sejam quais forem as nossas solitudes, é preciso cultivar uma vida interior... É preciso nutrir a nossa alma da vida divina; e para isso, impõem-se a solidão e o recolhimento. A solidão chama Deus, abre o coração para os grandes pensamentos. Penetrar a nossa vida interior com o espírito de Cristo, é aí introduzir a luz e a paz; é dar-lhe a serenidade divina, a segurança do homem seguro do seu caminho e que apercebe no fim a recompensa, o céu”⁸².

Depois do tempo de preparação para a sua vida pública, Jesus inicia o seu trabalho apostólico através da pregação e do testemunho da Sua vida. O Padre Dehon parte desta realidade para apelar à união com Cristo no ministério pastoral, imitando-o na pregação e no zelo apostólico: “O Padre é Pai, médico, doutor e juiz. Jesus era tudo isto. O padre consola, cura, encoraja as almas; Nosso Senhor fazia tudo isto”⁸³.

A imitação de Cristo é o ponto central da espiritualidade dehoniana, como se pode constatar pela reflexão do Padre Dehon nesta obra. Os sentimentos e as ações de Jesus devem estar espelhados na vida dos sacerdotes. O cuidado com todos, particularmente com os pobres e com os que sofrem, deve marcar não só a vida, mas a espiritualidade do sacerdote:

“Assim deve ser o padre. Deve procurar aqueles que sofrem, visitá-los, consolá-los. Se não os pode curar, pode consolá-los, encorajá-los à paciência; pode dar-lhes um conselho de higiene e oferecer-lhe remédios. Deve estar para eles mais do que para os que têm saúde”⁸⁴.

O cuidado com as vocações deve ser uma exigência do padre na vivência do seu ministério. O Padre Dehon afirma que esta é também uma dimensão que podemos

⁸² DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação IX.

⁸³ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XIII.

⁸⁴ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XIV.

contemplar em Jesus, sobretudo nos gestos que tem para com as crianças. Este cuidado com as vocações, que deve estar presente no sacerdote, não se prende apenas com o despertar vocacional no contexto onde está a exercer o ministério, mas está relacionado com a oração e com o recolhimento, imitando desse modo Jesus que, antes de chamar os discípulos, se retirou para o deserto (Mt 4, 1).

“Um dos deveres do padre é cultivar as vocações, favorecê-las, prepará-las. Nisto ainda o Coração sacerdotal de Jesus é o seu modelo... Ama as crianças, abençoa-as, e a sua bênção faz germinar vocações... Que encorajamentos para nós para nos ocuparmos com as crianças, para nos dedicarmos a elas, para procurarmos entre elas as vocações e favorecê-las! Um padre que não se interessa pelas vocações tem verdadeiramente o espírito apostólico?... Antes de se determinar na sua escolha... retira-se para a montanha: reza-se na solidão; passa toda a noite em oração (Lc 6, 12-13). Que exemplo! Como nós devemos rezar para obter vocações e para as fecundar!... É depois do seu longo jejum no deserto, depois das provas das suas tentações, que chama para si a elite dos seus apóstolos: Pedro, André, Tiago e João. Apresenta-lhes imediatamente o ideal do apostolado: «Vinde e farei de vós pescadores de almas»... Inspiremos às crianças uma vocação pura de toda a mistura... Dedicar-se à formação dos seus discípulos e dos seus apóstolos...Pensem em perpetuar o nosso sacerdócio, em cultivar as vocações, em ajudá-las”⁸⁵.

Através da contemplação e imitação do Coração de Jesus, o padre aprenderá que a fraternidade no presbitério deve ser um imperativo na sua vida. O Padre Dehon afirma que o sacerdote deve ser humilde na relação com os seus irmãos no ministério, perdendo as ofensas, promovendo e vivendo a correção fraterna, procurando a união e a proximidade, para a edificação dos fiéis. Exorta os leitores nestes termos: “Que os padres do Salvador sejam verdadeiramente para nós irmãos. Jesus pediu-nos tanto! «Amai-vos uns aos outros, dizia aos seus apóstolos. Sede unidos! Sede um como o meu Pai e Eu somos um». Esta união será a vossa honra e edificará as almas (Jo 17, 21 ss.)”⁸⁶.

⁸⁵ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XV.

⁸⁶ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XVI.

Na décima sétima meditação, o Padre Dehon refere-se às virtudes sacerdotais, espelhadas na vida de Cristo, concretamente a modéstia, a prudência, a temperança e a mortificação, para dar algumas indicações relacionadas com as ações do presbítero. A forma como Jesus se relacionava com as pessoas do seu tempo deve ser o modelo das relações do presbítero e, tal como Jesus procurava a edificação dos outros, também o presbítero deve estabelecer relações partindo do mesmo objetivo. Importa, neste campo, que o presbítero procure a universalidade nas relações embora, como afirma o Padre Dehon “não é proibido ao padre ter amizades puras e sobrenaturais”⁸⁷. Também os inimigos são objeto de consideração do Padre Dehon. Em relação a estes, exorta os presbíteros a serem serenos e a suportar a perseguição com paciência: “Nós temos inimigos e tê-los-emos sempre. Oponhamos-lhes ora o silêncio, ora uma resposta digna e calma. Se for preciso sofrer a perseguição, estaremos unidos a Jesus e os nossos sofrimentos produzirão os seus frutos”⁸⁸.

Embora o presbítero seja consagrado a Deus e esteja ao serviço da Igreja, não deve esquecer a família. Também neste campo, o Padre Dehon afirma que o Coração de Jesus ensina o presbítero a relacionar-se de forma sadia com a sua família. Este deve amar a sua família, “ser bom filho e bom parente”⁸⁹, mas não deve permitir que esta seja um obstáculo para o exercício do seu ministério. Neste campo, a própria experiência familiar do Padre Dehon, concretamente a oposição do pai em relação ao sacerdócio, terá motivado esta preocupação. A partir do testemunho de Jesus, exorta os presbíteros:

“Jesus fez-se o apóstolo da sua família... Antes de subir ao céu, confia a sua mãe a S. João. Que belas e doces lições nos deixa o Coração sacerdotal de Jesus! Amemos a nossa família em Deus e por Deus. Saibamos deixá-la quando for preciso. Esforcemo-nos por santificá-la”⁹⁰.

⁸⁷ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XVIII.

⁸⁸ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XVIII.

⁸⁹ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XIX.

⁹⁰ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XIX.

O padre, como homem de cultura, deve ser sensível à natureza e à arte e deve cultivar o gosto pela beleza nas suas variadas expressões artísticas, uma vez que “a natureza e a arte elevam as almas para Deus”⁹¹. O Padre Dehon exorta os sacerdotes, na vigésima meditação, a apreciá-las e a procurar nelas inspiração para a oração e para a pregação⁹².

Tal como Jesus sofreu tentações, também o sacerdote é constantemente exposto em situações que o poderão levar ao confronto com as mesmas tentações, pelas quais passou Jesus. A ambição pessoal, fonte do egoísmo, muitas vezes concretizada no carreirismo eclesiástico, a avareza, a vaidade e a sensualidade são as tentações que afetam o padre. Este deve encontrar na oração e na humildade os remédios para lhes fazer frente. Só a união e a imitação de Cristo permitirão que o presbítero não se entregue a vícios mundanos, mas ame a pureza e a honestidade de vida:

“Amor próprio, ambição, vaidade, é o apego à sua própria excelência, que é tão perigoso para o padre... O padre é tentado a aspirar aos postos que dão bons rendimentos. Fará para isso medidas diante dos protectores civis ou eclesiásticos. É tentado a acumular os rendimentos do seu cargo, recolhê-los com firmeza, dar pouco aos pobres e às obras... O padre é tentado a entregar-se à boa mesa e a outros prazeres mais grosseiros... Os remédios eficazes são a humildade e a oração. Fechando os nossos olhos e o nosso pensamento às imagens voluptuosas, não deixemos entrar o amor impuro. Abrindo a nossa alma à oração, deixemo-la enamorar-se pelo amor puro e purificador do bom Mestre”⁹³.

O sacerdote é chamado a unir a sua oração à oração que Jesus sacerdote oferece continuamente ao Pai. A vida oblativa do sacerdote deve ser um contínuo ato de louvor e ação de graças a Deus. Esta ação de graças em união com o Coração de Jesus é exercida de um modo particular pelo sacerdote na Eucaristia e na oração do Ofício

⁹¹ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XX.

⁹² Cf. DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XX.

⁹³ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXI.

divino onde se manifesta, de modo especial a união à oração do Coração sacerdotal de Jesus.

“Praza à bondade do nosso Deus multiplicar na sua Igreja, as almas sacerdotais que, todas animadas e vivendo das disposições do Coração de Jesus, Apóstolo e Pontífice, sejam apóstolos primeiro pela oração, pela imolação interior, pelos ardores abrasadores do amor de condolência, e depois (somente depois) pelas obras exteriores do zelo! Sem este fogo interior, toda a actividade do zelo nada mais seria do que fumo (P. Giraud)”⁹⁴.

O Padre Dehon afirma que, para além da união do sacerdote ao Coração de Jesus por meio da oração, também o zelo apostólico deve estar em união com Cristo. A dilatação do Reino de Deus, tal como foi missão para o nosso Redentor, também deverá ser a missão do sacerdote que procurará fazê-lo para que todos se salvem. Mas, na visão do Padre Dehon, o “zelo pelas almas” apenas será verdadeiro se estiver enraizado no amor, “será tanto mais actuante e fecundo quanto o amor de benevolência para com Deus for mais ardente, mais profundo, mais habitual num coração sacerdotal”⁹⁵.

O profeta Isaías descreve o Redentor como “homem de dor, acostumado ao sofrimento” (Is 53, 3). O sacerdote, no exercício do seu ministério, deve estar preparado para as perseguições e provas que surgem muitas vezes como consequência da sua fragilidade pessoal, outras, da fragilidade do rebanho que é chamado a conduzir. O Padre Dehon, na vigésima quinta meditação, refere-se às injúrias e calúnias relativas aos sacerdotes e considera que estes devem estar preparados para as suportar com paciência e caridade, segundo o exemplo de Jesus.

“Quantos bons padres, cuja conduta é criticada, censurada, acusada, condenada abertamente ou em segredo! Mesmo os seus amigos se afastam deles. Mesmo os seus irmãos no sacerdócio,

⁹⁴ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXII.

⁹⁵ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXIII.

mesmo os seus superiores talvez dêem crédito à calúnia. São nisto, como na sua dignidade e no seu ministério, a imagem viva do Salvador”⁹⁶.

Como já foi referido anteriormente, o Padre Dehon interessou-se muito pela vida social procurando dar respostas às carências do seu tempo. Do mesmo modo, considera que a dimensão social deve estar presente na vida dos sacerdotes, como uma exigência no exercício do seu ministério. Apelando à imitação de Jesus, o Padre Dehon afirma que “o Coração sacerdotal de Jesus foi particularmente dedicado às classes populares... Dá exemplo de simplicidade e de trabalho... Reclama para os operários a justiça, o respeito, a afeição fraterna”⁹⁷. Conclui a vigésima sexta meditação exortando assim os sacerdotes:

“Ó padres, dedikai-vos às obras antigas e às novas. Ajudai a imprensa popular. Favorecei os círculos de estudo, as conferências, os retiros que formam apóstolos. Ide ao povo por um método apostólico, unido ao método administrativo. Ide ao povo pela reivindicação da justiça e do direito em seu favor. Ide ao povo favorecendo os seus interesses, as suas recriações honestas”⁹⁸.

A liturgia é uma dimensão da vida cristã muito presente no ministério do padre, que é chamado a vivê-la com e pelo povo. De modo especial, o Padre Dehon faz referência à Eucaristia, considerando serem necessárias ao sacerdote a devida preparação para a sua celebração, a fidelidade às orientações e ação de graças, posterior à celebração. Partindo do exemplo de Cristo que deve iluminar a vida do sacerdote, o Padre Dehon recorda que “Jesus preparou-se desde a sua Incarnação”⁹⁹. Este facto demonstra o quão necessário é o sacerdote preparar-se para a Eucaristia. Depois da devida preparação há que cuidar para que a celebração seja digna, e para isso é

⁹⁶ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXV.

⁹⁷ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXVI.

⁹⁸ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXVI.

⁹⁹ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXVII.

necessária a fidelidade à “exatidão litúrgica”¹⁰⁰. A ação de graças, no final da celebração, surge como uma exigência que parte novamente do exemplo do Mestre “que faz a sua ação de graças e manda-a fazer aos seus discípulos”¹⁰¹. O Padre Dehon termina a meditação, dirigindo-se a Cristo de modo suplicante: “ Ó Jesus, como amais os vossos padres! Renovai a vossa oração do Cenáculo, aplicai a nós os seus frutos. Como S. João, mantemo-nos junto de vós na confiança e na afeição filiais”¹⁰².

A vigésima oitava meditação da obra em análise começa com uma afirmação polêmica:

“Muitos padres preparam-se pouco ou mal para a morte. Agarram-se às coisas presentes. O pensamento da morte para eles parece-lhes importuno e desagradável. Não fazem o seu testamento. Está talvez esboçado e espera a última mão. Não foi assim que Nosso Senhor fez”¹⁰³.

O Padre Dehon considera necessária a preparação da morte. Dá inclusivamente exemplos da morte que pode ser má, se o padre for “negligente, tíbio e mundano”¹⁰⁴ e não a preparar devidamente, sobretudo através da conversão e emenda de vida, ou pode ser uma boa morte, “se [o padre se] deu totalmente, sob o olhar de Deus, ao cumprimento dos deveres do seu ministério”¹⁰⁵. A serenidade na iminência da morte será marca dos que se prepararam durante a vida, através do cumprimento dos seus deveres.

Nas últimas meditações da obra *Le coeur sacerdotal de Jesus*, o Padre Dehon apresenta a Virgem Maria e o apóstolo João como dois modelos de união a Cristo que o

¹⁰⁰ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXVII.

¹⁰¹ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXVII.

¹⁰² DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXVII.

¹⁰³ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXVIII.

¹⁰⁴ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXVIII.

¹⁰⁵ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXVIII.

sacerdote deve seguir. Maria é referida como o “altar do sacrifício de Jesus”¹⁰⁶, uma vez que o seu seio se tornou em altar do ofertório ao gerar a Vítima do verdadeiro sacrifício da redenção. A consumação do sacrifício de Cristo, operado na cruz, reúne os sofrimentos que o Salvador suportou durante a sua vida na terra. Maria está presente, junto de seu Filho, não só no Calvário, mas também em Belém, em Nazaré, no Templo de Jerusalém. Maria é presença na vida do Filho. Deste modo, como afirma o Padre Dehon, Maria “participa no sacerdócio de Jesus, não apenas no Calvário, mas em cada um dos nossos altares”¹⁰⁷ onde se atualiza o Sacrifício de Cristo. A participação de Maria no sacerdócio do Filho é explicada pelo Padre Dehon:

“No Calvário, Maria unia a sua oferenda à do Salvador... Instruída sobre os grandes mistérios que se desenrolavam, via, na morte do seu Filho, o cumprimento das profecias, a realização das figuras, o grande sacrifício, enfim, que, graças à invenção da Eucaristia, devia ser em breve a oblação pura, oferecida a Deus do nascente ao poente para santificar todos os homens”¹⁰⁸.

Considerando Cristo como o sacerdote por excelência da Eucaristia e os ministros como que “subordinados” ao seu sacerdócio, o Padre Dehon exorta os padres a desenvolverem a sua devoção a Maria, recordando-se que também ela está presente no Mistério da Eucaristia, tal como esteve no Calvário junto de Jesus. Diz mesmo que na Missa “ela une-se ao padre, que é a sombra de Jesus, o seu porta-voz. Com ele, ela adora, agradece, expia, pede”¹⁰⁹. Maria está especialmente unida ao sacerdote no momento da Eucaristia, mas essa união deriva da união com a Vítima do Sacrifício, uma vez que “foi ela quem forneceu o corpo para entregar e o sangue para derramar. A carne de Cristo, diz Santo Agostinho, é a carne de Maria. O sangue que correu sobre a cruz e que corre sobre o altar, foi formado do sangue puríssimo de Maria; o corpo da

¹⁰⁶ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXIX.

¹⁰⁷ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXIX.

¹⁰⁸ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXIX.

¹⁰⁹ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXIX.

minha vítima foi tirado da sua substância, alimentado do seu leite virginal. Aí está já uma união íntima de Maria à vítima... Ela sofreu com Jesus, e não é possível que não se tenha oferecido com Ele como vítima”¹¹⁰.

Na trigésima meditação da obra, o Padre Dehon refere-se a S. João como “o padre do Sagrado Coração”¹¹¹. A sua presença no Calvário fez dele testemunha ocular do amor que brota do Coração de Jesus e, por isso, afirma “nós conhecemos o amor do nosso Deus e cremos nele” (1Jo, 4). João é o apóstolo do Coração de Jesus, uma vez que viveu em intimidade com Ele. No dizer do Padre Dehon “S. João está sempre junto de Jesus... ama e é amado”¹¹². Este é modelo para os sacerdotes que devem reclinar o peito sobre o Coração de Jesus (cf Jo 13, 23), isto é, devem viver intimamente com o Mestre para poderem ser semelhantes a Ele no exercício do ministério, de modo que possam ser chamados *alter Christus*. Assim constata o Padre Dehon: “Ó padres, teremos nós corações de pedra? Consideremos o Coração de Jesus; os espinhos mais cruéis entre os que o dilaceram, são as nossas ingratidões e a nossa indiferença! Não havemos de amar aquele que tanto nos ama?”¹¹³.

“O Coração sacerdotal de Jesus na Eucaristia” é o título da trigésima primeira meditação. Nela o Padre Dehon acentua o valor da presença real de Cristo na Eucaristia. Apesar de aos olhos humanos ter aparência de morte, “o Coração de Jesus vive no Santíssimo Sacramento, na vida mais ativa”¹¹⁴. A tônica que merece maior destaque na reflexão do Padre Dehon nesta meditação, parece estar no reforço da humanidade de Jesus, presente no Santíssimo Sacramento. Ele assim afirma:

¹¹⁰ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXIX.

¹¹¹ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXX.

¹¹² DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXX.

¹¹³ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXX.

¹¹⁴ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXXI.

“O coração de Jesus no tabernáculo é também o coração da sua humanidade ressuscitada e glorificada; ora os ressuscitados não morrem mais e os bem-aventurados não podem dormir. O seu olhar fascinado pelos esplendores da face divina gozam de um arrebatamento que lhes é mais doce que o mais tranquilo dos repousos... A sua vida transborda na sua Igreja, nos seus apóstolos, nas almas fiéis, suscitando por toda a parte o zelo e a virtude”¹¹⁵.

O amor do Coração de Jesus é permanente, não dorme, uma vez que Jesus é “sentinela vigilante que guarda a sua Igreja”¹¹⁶ e, como mãe que vigia sobre os filhos, não desvia o olhar nos Homens necessitados do seu amor. O desafio lançado aos sacerdotes, a partir desta meditação, é novamente a imitação de Cristo:

“Ó padres, eis o vosso modelo! Quanto o permita a fraqueza humana, vigiai sempre. Rezai, agi, amai, sofri. Que os vossos corações batam em unísono com o coração sacerdotal de Jesus! Não durmais com o sono da tibieza, com o sono da apatia, com o sono da vida terrestre e sensual. Vigiai e vivei da vida fervorosa, da vida de amor, de zelo e de sacrifício”¹¹⁷.

O tema da penúltima meditação da obra é a sobrevivência do padre. Em três tópicos de reflexão, o Padre Dehon conclui que “o padre, como Jesus, deve sobreviver, e primeiro nas almas... O padre deve sobreviver nas suas obras... O padre deve sobreviver a si mesmo no seu sacerdócio”¹¹⁸.

“O Céu: as recompensas do padre” é o título da última meditação. “As dores abundaram na vida de Jesus, mas teve também alegrias. Todos os progressos da redenção, todos os frutos da salvação enchem-no de alegria”¹¹⁹. A vida dos apóstolos foi um claro sinal disto mesmo, do contraste entre a dor e a alegria. Do mesmo modo deve viver o padre. A sua alegria não se esgota neste mundo mas está orientada para a eternidade. O Padre Dehon afirma a esse propósito: “os padres e os religiosos possuirão Deus e possuí-lo-ão mais intimamente que os simples fiéis. Foi a eles como aos

¹¹⁵ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXXI.

¹¹⁶ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXXI.

¹¹⁷ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXXI.

¹¹⁸ Cf. DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXXII.

¹¹⁹ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXXIII.

apóstolos que Nosso Senhor disse: «Vós que deixastes tudo por minha causa, sentar-vos-eis sobre tronos para julgar os outros homens»¹²⁰. Esta afirmação dita ou escrita hoje causaria alguma perplexidade mas, considerando o contexto histórico e religioso em foi escrita, é perfeitamente compreensível.

A meditação e a obra terminam com uma última exortação do Padre Dehon:

“Ó padres, como esta promessa é estimulante! Vós sereis no céu amigos especiais do Salvador, amigos íntimos. Vivereis mais próximos d’ Ele que o comum dos eleitos, se verdadeiramente tiverdes vivido como padres sobre a terra. Que mais poderoso estímulo Jesus vos poderia dar?”¹²¹.

¹²⁰ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXXIII.

¹²¹ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXXIII.

CAPÍTULO III

SACERDÓCIO E SANTIDADE – CONFRONTO COM ALGUNS TEXTOS DO MAGISTÉRIO CONCILIAR E PÓS-CONCILIAR

Nos capítulos anteriores procurámos situar o pensamento do Padre Dehon sobre o sacerdócio, a partir do seu contexto histórico e concretamente da sua obra *Le coeur Sacerdotal de Jesus*. Neste capítulo pretendemos fazer o confronto com o magistério recente, para averiguar a atualidade do pensamento dehoniano.

Como referimos, a obra em análise tinha como objetivo ser um guia espiritual para a vida dos presbíteros. Através de trinta e três meditações, o Padre Dehon, procura lançar bases para auxiliar os pastores a viverem o seu ministério de forma íntegra, sob o sulco da santidade, de modo que possam ser fiéis à sua missão de evangelizadores. Santidade e sacerdócio são, de facto, chaves de leitura essenciais para a compreensão do pensamento do Padre Dehon. A sua reflexão parte da intuição de que o sacerdote é tanto mais eficaz e fiel na sua missão, quanto mais santo for no exercício do seu ministério.

Recorrendo à reflexão do Concílio Vaticano II, verificamos que o Sacramento da Ordem configura ontologicamente o sacerdote a Cristo. Isto mesmo podemos constatar no número doze do decreto conciliar *Presbyterorum ordinis*: “Pelo sacramento da Ordem, os presbíteros são configurados com Cristo sacerdote, como ministros da cabeça, para a construção e edificação do seu corpo, que é a Igreja, enquanto cooperadores da Ordem episcopal”¹²².

O conteúdo deste número do decreto conciliar sobre o ministério e a vida dos sacerdotes é, de algum modo, a ideia central de onde parte o Padre Dehon, ainda que

¹²² PO, 12.

os seus escritos se encontrem à distância de mais de cinquenta anos relativamente ao Concílio Vaticano II. Assim podemos ler na terceira meditação de *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*:

“Como o nosso sacerdócio é grande e santo! O Espírito Santo é a sua alma e a sua inspiração e não nos pode dar outras disposições senão as de Jesus. Como o Salvador, devemos ser ao mesmo tempo sacerdotes e hóstias. Devemos sacrificar-nos pela salvação das almas”¹²³.

O Padre Dehon, ao referir-se ao Espírito Santo como alma e inspiração do sacerdócio, que leva o sacerdote a ter as mesmas disposições de Jesus, está de algum modo a encarar o sacerdócio ministerial como configuração com Cristo.

Ainda na Introdução à obra que estudámos podemos constatar a visão que o Padre Dehon tinha do ministério como participação no sacerdócio de Cristo, bem como do sacerdócio comum dos fiéis como oblação de vida:

“N’Ele, oferecemos as nossas orações e as nossas obras e nisto todos temos, mesmo os mais simples fiéis, alguma parte no seu sacerdócio: *gens sancta, genus sacerdotale*... Todos os santos do céu, todos os santos da terra e do purgatório, todos os cristãos não têm senão um coração em Nosso Senhor, um coração sacerdotal que oferece a Deus louvor, amor e sacrifício: *Hoc sentite in vobis quod et in Christo Jesu* (Fil 2, 5)”¹²⁴.

A santidade de vida é procura e exigência que decorrem do batismo, e que, sendo comum a todos os fiéis, deverá ser de modo particular para os sacerdotes. Assim afirma o Concílio:

¹²³ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação III.

¹²⁴ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Introdução.

“Já pela consagração do Baptismo receberam com os restantes fiéis, o sinal e o dom de tão insigne vocação e graça para que, mesmo na fraqueza humana, possam e devam alcançar a perfeição, segundo a palavra do Senhor: «Sede, pois, perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito» (Mt. 5, 48)”¹²⁵.

Este apelo à santidade decorrente do batismo encontra ainda maior eco na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, que dedica os números trinta e nove a quarenta e um ao tema da vocação de todos à santidade. O documento faz uma clara referência aos presbíteros:

“Os presbíteros, à semelhança da ordem dos Bispos, de que são a coroa espiritual, já que participam das suas funções por graça de Cristo, eterno e único mediador, cresçam no amor de Deus e do próximo com o exercício do seu dever quotidiano; guardem o vínculo da unidade sacerdotal, abundem em toda a espécie de bens espirituais e dêem a todos vivo testemunho de Deus, tornando-se émulos daqueles sacerdotes que no decorrer dos séculos, em serviço muitas vezes humilde e escondido, nos deixaram magnífico exemplo de santidade”¹²⁶.

Segundo a reflexão conciliar, o presbítero continua, através do exercício do seu ministério, o sacerdócio de Cristo no mundo. O sacerdócio é, portanto, sinal visível da presença de Cristo no meio dos homens, que continua a ensinar, a perdoar, a partir o pão, a dar assistência aos doentes e aos que sofrem. Este prolongamento do sacerdócio de Cristo, expresso no ministério ordenado deve ser motivo primeiro para que o sacerdote procure viver em santidade. A consciência que o sacerdote tem da sua vocação como dom de Deus deve levá-lo a viver o ministério não como se este fosse atributo seu, consequência das suas qualidades pessoais, mas sobretudo como graça recebida e partilhada:

“Mas os sacerdotes estão obrigados por especial razão a buscar essa mesma perfeição visto que, consagrados de modo particular a Deus pela recepção da Ordem, se tornaram instrumentos vivos

¹²⁵ PO, 12.

¹²⁶ LG, 41.

do sacerdócio eterno de Cristo, para poderem continuar pelos tempos fora a sua obra admirável, que restaurou com suprema eficácia a família de todos os homens. Fazendo todo o sacerdote, a seu modo, as vezes da própria pessoa de Cristo, de igual forma é enriquecido de graça especial para que, servindo todo o Povo de Deus e a porção que lhe foi confiada, possa alcançar de maneira conveniente a perfeição d'Aquele de quem faz as vezes, e cure a fraqueza humana da carne a santidade d'Aquele que por nós se fez pontífice «santo, inocente, impoluto, separado dos pecadores» (Heb. 7,26)¹²⁷.

O Padre Dehon, na obra *Le coeur sacerdotal de Jesus*, apresenta o sacerdócio ministerial, considerando a sua origem na dinâmica trinitária da salvação. De facto é no seio da Trindade que se realiza o perene sacerdócio de Cristo, como vimos anteriormente. Por isso a identidade do sacerdote deve ser iminente relacional, uma vez que tem a sua origem na Trindade. Indispensável no agir do sacerdote é de facto, a sua relação com a Trindade e será a partir dessa relação que este aprenderá a construir outras relações no exercício do seu ministério, procurando “a glória de Deus Pai em Cristo”¹²⁸. O *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, no número quatro, sintetiza a ligação intrínseca entre ministério ordenado e a obra salvífica de Deus:

“O sacerdote, «como prolongamento visível e sinal sacramental de Cristo na sua própria presença diante da Igreja e do mundo como origem permanente e sempre nova da salvação», está inserido na dinâmica trinitária com uma responsabilidade especial. A sua identidade provém do *ministerium verbi et sacramentorum*, o qual está em relação essencial com o mistério do amor salvífico do Pai (cf. *Jo* 17,6-9; *1Cor* 1,1; *2Cor* 1,1), com o ser sacerdotal de Cristo, que escolhe e chama pessoalmente o seu ministro para estar com Ele (cf. *Mc* 3,15) e com o dom do Espírito (cf. *Jo* 20,21), que comunica ao sacerdote a força necessária para dar a vida a uma multidão de filhos de Deus, convocados para o único corpo eclesial e encaminhados para o Reino do Pai”¹²⁹.

A partir deste número entendemos que o sacerdócio ministerial, estando radicado na Trindade, é sobretudo serviço e doação, a Deus e aos homens. De facto, o

¹²⁷ PO, 12.

¹²⁸ PO, 2.

¹²⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, nº 4.

ministro ordenado exerce o seu ministério como um serviço aos fiéis, procurando que todos adiram a Cristo e a Ele se convertam. Compreende-se, portanto, que o sacerdócio ministerial está ordenado para o sacerdócio comum dos fiéis, não exercendo uma relação de superioridade relativamente a este. Nesse sentido, o sacerdote não recebe o sacramento da Ordem para si mesmo, em benefício próprio, mas para servir, à imagem de Cristo. É necessário que o sacerdote, consciente da sua identidade, se assuma diante do Povo de Deus como um homem convertido, que procura viver em união com Cristo e conduzir outros à mesma experiência de felicidade. Essa é a finalidade do seu ministério e que contrasta fortemente com uma perspectiva funcionalista, que entende o sacerdócio apenas como uma profissão destinada a prestação de serviços de uma comunidade, perspectiva que parece ganhar vantagem no contexto secularizado da sociedade vigente. A fidelidade ao sacerdócio de Cristo exige do ministro ordenado a consciência reta quanto à sua identidade e missão.

A espiritualidade oblativa, proposta pelo Padre Dehon nos seus escritos, vem ao encontro da necessidade de definição da identidade do ministro ordenado. O padre, vivendo de forma oblativa, configura a sua vida com o amor redentor de Cristo, vivendo não em função de si mesmo, mas do rebanho que lhe foi confiado. De facto, “o dom espiritual, recebido pelos sacerdotes na ordenação, prepara-os para uma vastíssima e universal missão de salvação”¹³⁰, radicada sobretudo no mandato de Jesus aos discípulos: “Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19).

¹³⁰ PO, 10.

3.1 A vida espiritual do sacerdote

A vida espiritual dos sacerdotes foi uma preocupação do Padre Dehon e sobre esse aspeto do ministério muito escreveu. Esta sua preocupação nascia da convicção de que este era um elemento indispensável para que o sacerdote fosse fiel à sua identidade. A adoração e a meditação na Palavra de Deus são meios recomendados pelo Padre Dehon para que o sacerdote se una verdadeiramente a Cristo, de modo que a sua ação seja coincidente com o projeto de salvação de Deus.

A Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis* de João Paulo II, explicita a necessária conexão que deve existir entre o ministério e a vida espiritual, ao afirmar que “na sua realidade objetiva, o ministério sacerdotal é *"amoris officium"*, segundo a citada expressão de Santo Agostinho: precisamente esta realidade objectiva se coloca como fundamento e apelo para um *"ethos"* correspondente, que não pode ser senão aquele de viver o amor, como salienta o mesmo Santo: *"Sit amoris officium pascere dominicum gregem"*. Tal *ethos*, e portanto a vida espiritual, outra coisa não é senão o acolhimento na consciência e na liberdade, e consequentemente na mente, no coração, nas decisões e nas acções, da "verdade" do ministério sacerdotal como *amoris officium*”¹³¹.

A compreensão do ministério como oblação e ofício de amor, parte da consciência de que o sacerdote é escolhido e consagrado para o anúncio do Evangelho, já que “a consagração é para a missão”¹³². A docilidade ao Espírito Santo é portanto fundamental e indispensável para o cumprimento da missão.

Sobre a necessidade da vida espiritual dos sacerdotes outros documentos do magistério têm feito largas referências nos últimos anos.

¹³¹ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis*, n.º 24.

¹³² JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis*, n.º 24.

A sociedade hedonista e secularizada em que vivemos, não raras vezes influencia o sacerdote a valorizar excessivamente o imanente, conduzindo-o a um desleixo da vida espiritual e da sua relação com o Transcendente. Atualmente, o excesso de atividades pastorais dos sacerdotes é sentido como um fator que influencia esse desleixo, levando-os facilmente a cair num ativismo desvirtuante da sua missão. O relativismo instalado na sociedade parece obscurecer a verdade do homem, conduzindo a uma desintegração da personalidade, sendo também este um fator contrário ao permanente cultivo da vida interior. A maioria dos documentos do magistério que refletem sobre esta temática partem da certeza de que a eficácia pastoral está dependente da vida espiritual do sacerdote. Desse modo, a prioridade da vida do sacerdote deve estar relacionada com a constante necessidade do encontro pessoal com Cristo.

O *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros* enumera necessárias concretizações da vida espiritual dos ministros ordenados, de modo a favorecer a união destes com Cristo:

“É necessário, portanto, que na vida de oração não falte nunca a celebração eucarística quotidiana, com adequada preparação e sucessiva ação de graças; a confissão frequente e a direção espiritual já praticada no seminário e frequentemente antes; a celebração íntegra e fervorosa da liturgia das horas, à qual está quotidianamente obrigado; o exame de consciência; a oração mental propriamente dita; a *lectio divina*, os momentos prolongados de silêncio e de colóquio, sobretudo nos Exercícios e retiros Espirituais periódicos; as preciosas expressões da devoção mariana, como o Rosário; a *Via Sacra* e os outros pios exercícios; a frutuosa leitura hagiográfica; etc”¹³³.

¹³³ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, nº 50.

3.2 O estudo e a formação permanente

Na oitava meditação da obra *Le coeur Sacerdotal de Jesus* o Padre Dehon refere-se ao estudo como um aspeto necessário não só no tempo de preparação para o ministério, mas também durante o exercício do mesmo.

Os documentos do magistério mais recente que refletem sobre o ministério ordenado, referem-se à formação permanente como uma prioridade na vida do sacerdote “para conservar e desenvolver na fé a consciência da verdade total e surpreendente do seu ser: é ministro de Cristo e administrador dos mistérios de Deus (cf. 1 Cor 4, 1)”¹³⁴.

A formação permanente do sacerdote é assim um auxílio para a sua maturidade espiritual, de modo que este “veja sempre a verdade própria, com os olhos de Cristo”¹³⁵. Sendo por vezes guia da comunidade cristã, o sacerdote assume uma natural função de liderança entre o Povo de Deus. A formação permanente poderá ser um oportuno contributo para este serviço do sacerdote na comunidade cristã, tendo sempre em vista que a sua missão é ser Pastor como Cristo, fazendo-se irmão com os irmãos da comunidade. Assim, para além de ser útil para a consciência do sacerdote sobre a sua identidade, a formação permanente poderá favorecer a fraternidade e união da comunidade cristã. Por outro lado, particularmente no contexto diocesano, a formação permanente do clero favorecerá uma sã identidade do presbitério, entendido como realidade sobrenatural porque radicado no Sacramento da Ordem¹³⁶. Assim, o presbitério será entendido como uma fraternidade, sobretudo quando a solícitude de uns para com os outros conduzir à partilha, não só de conhecimento, em ordem a uma formação conjunta, mas também de experiência pastoral e espiritual que possa ser auxílio para os membros do presbitério que se encontrem em maiores dificuldades,

¹³⁴ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis*, n° 73.

¹³⁵ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis*, n° 73.

¹³⁶ Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis*, n° 74.

sobretudo quando estas estão relacionadas com isolamento e solidão, fruto de desânimo ou apatia espiritual.

A formação permanente, sendo um elemento necessário na vivência do ministério, em qualquer fase em que este se encontre, deve ser estimulado e promovido pela igreja particular que sentirá, com os seus responsáveis, a urgência e os benefícios deste meio como potencializadores da ação pastoral. Assim, o bispo diocesano, como responsável máximo da igreja particular e pastor diocesano, deve impulsionar as equipas formadas para o acompanhamento do clero a calendarizarem alguns tempos, ao longo do ano pastoral, destinados à formação dos sacerdotes. Além disso, o bispo, através do seu contacto pessoal com os sacerdotes deve encorajá-los a procurarem momentos de formação, procurando intensificar neles a consciência de que esse é um dever decorrente do ministério. De facto, deve partir, em primeiro lugar, do próprio sacerdote a consciência da necessidade da formação permanente, uma vez que “os regulamentos ou as normas da autoridade eclesiástica, ou mesmo o exemplo dos outros sacerdotes, não bastam para tornar apetecível a formação permanente, se cada um não estiver pessoalmente convencido da sua necessidade e determinado a valorizar-lhe as ocasiões, os tempos, as formas”¹³⁷.

A formação permanente do clero poderá ter várias modalidades no que se refere à sua concretização.

Os retiros e exercícios espirituais devem ser entendidos como meios de formação permanente. Os sacerdotes devem procurar estes momentos como oportunidades de crescimento espiritual e amadurecimento da fé “e não como cursos de

¹³⁷ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis*, nº 79.

atualização teológico-pastorais”¹³⁸. O *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros* dá orientações claras relativamente a este aspeto:

“É muito oportuno que o Bispo programe e organize os retiros periódicos e os exercícios espirituais anuais de maneira que cada sacerdote possa escolher entre aqueles que normalmente são feitos na diocese ou fora, por sacerdotes exemplares, Associações sacerdotais ou por Institutos religiosos particularmente experimentados pelo seu carisma na formação espiritual ou em mosteiros.

É também aconselhável a organização de um retiro especial para os sacerdotes ordenados nos últimos anos, no qual participe ativamente o próprio Bispo”¹³⁹.

Além dos retiros e exercícios espirituais, que incorporam a dimensão espiritual da formação permanente, há também outras dimensões formativas que não devem ser desvalorizadas.

A formação humana dos sacerdotes é hoje uma necessidade. Na sociedade atual, o ministério ordenado está cada vez mais orientado para o campo das relações humanas. É por isso necessário que o sacerdote seja um homem de virtudes humanas, delicado no trato com os fiéis, diligente e solícito na cura de almas, sem esquecer o equilíbrio necessário para que da sua ação transpareça um amor universal e serviço desinteressado aos irmãos. Assim recordava o Papa Bento XVI na carta dirigida aos seminaristas em 2010:

“ Para o sacerdote, que terá de acompanhar os outros ao longo do caminho da vida e até às portas da morte, é importante que ele mesmo tenha posto em justo equilíbrio coração e intelecto, razão e sentimento, corpo e alma, e que seja humanamente «íntegro»”¹⁴⁰.

A formação humana dos sacerdotes, no contexto da formação permanente, deve sem dúvida, aprofundar alguns aspetos anteriormente abordados no período da

¹³⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, nº 103.

¹³⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, nº 103.

¹⁴⁰ BENTO XVI, *Carta aos seminaristas*, 18 de Outubro de 2010, nº 6.

formação do Seminário, como a afetividade e maturidade humanas, a vivência sexualidade, a castidade, a sobriedade e temperança no uso dos meios de comunicação, como a internet, etc. Tudo deve concorrer, na formação humana do sacerdote, para que este seja coerente com a sua fé e fiel às exigências da sua consagração.

A formação intelectual dos sacerdotes é outra vertente da formação permanente que deve ser cuidada. A sociedade contemporânea vive em constantes mutações. O progresso científico vem suscitar novas questões do ponto de vista ético e moral que não devem passar ao lado da reflexão cristã. Os sacerdotes devem fazer um esforço por se manterem atualizados no que diz respeito às interrogações dos homens de hoje, e devem procurar dar respostas alicerçadas na fé e na doutrina da Igreja. Atualmente surgem novas questões no campo da bioética e da ética social que necessitam de uma resposta cristã. Igualmente necessário, na atualidade da atividade pastoral, é a utilização dos meios de comunicação social. Por isso, o sacerdote deve esforçar-se por conhecer e dominar os diferentes meios de comunicação e colocá-los ao serviço da evangelização. Esta dimensão da formação intelectual deve estar presente na programação da formação do clero proposta e promovida pelas dioceses. Também neste campo seria útil o aprofundamento e reflexão sobre alguns documentos importantes do magistério.

A formação pastoral é outra dimensão que deve estar presente na formação permanente. A este propósito, assim se refere o *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*:

“Pode ser particularmente interessante a organização de cursos ou seminários sobre a pastoral do sacramento da Confissão ou sobre questões práticas de direção espiritual, tanto em geral como em situações específicas. A formação prática no campo da liturgia também tem uma importância especial. Dever-se-ia reservar particular atenção para se aprender a celebrar bem a Santa Missa – como já foi sublinhado, a *ars celebrandi* é uma condição *sine qua non* da *actuosa*

participatio dos fiéis – e a adoração fora da Missa. Outros temas, particularmente úteis a tratar para uma adequada formação pastoral, podem ser os referentes à catequese, à família, às vocações sacerdotais e religiosas, ao conhecimento da vida e da espiritualidade dos santos, aos jovens, aos idosos, aos enfermos, ao ecumenismo, aos assim chamados «afastados», às questões bioéticas, etc.”¹⁴¹.

3.3 O cultivo e a promoção das vocações

O Padre Dehon recorda na décima quinta meditação da obra em estudo que “um dos deveres do padre é cultivar as vocações, favorecê-las, prepará-las”¹⁴². Este é uma obrigação de todo o Povo de Deus, mas particularmente dos que vivem o ministério ordenado.

De facto, já o Concílio Vaticano II afirma que “cabe aos sacerdotes, como educadores da fé, cuidar por si, ou por meio de outros, para que cada fiel seja levado, no Espírito Santo, a cultivar a própria vocação”¹⁴³. Importa que o sacerdote tenha consciência de que o seu testemunho e ação pastoral podem suscitar novas vocações, sobretudo se a ação desenvolvida estiver marcada por uma forte união a Cristo. Nesse sentido, afirma o Papa João Paulo II:

“A própria vida dos padres, a sua dedicação incondicional ao rebanho de Deus, o seu testemunho de amoroso serviço ao Senhor e à sua Igreja - testemunho assinalado pela opção da cruz acolhida na esperança e na alegria pascal -, a sua concórdia fraterna e o seu zelo pela evangelização do mundo são o primeiro e mais persuasivo fator de fecundidade vocacional”¹⁴⁴.

Imprescindível neste campo da promoção vocacional é o papel das famílias.

Neste aspeto, o sacerdote deve incentivar as famílias a viverem em comunhão, através

¹⁴¹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, nº 96.

¹⁴² DEHON Leão, *Le Coeur sacerdotal de Jesus*, Meditação XV.

¹⁴³ PO, 6.

¹⁴⁴ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis*, nº 41.

de relações sadias e da oração em comum. Os párocos devem incentivar os pais a educarem cristãmente os filhos quer no seio da família, quer através da inserção na catequese paroquial. A consciência de que as vocações dependem também, em grande parte, das famílias deve estar presente nas ações pastorais:

“Neste trabalho, têm uma fundamental importância as famílias que se constituem como igrejas domésticas, nas quais os jovens aprendem desde crianças a rezar, crescer nas virtudes e ser generosos. Os presbíteros devem encorajar os esposos cristãos a configurar o próprio lar como uma verdadeira escola de vida cristã, a rezar junto com os filhos, a pedir a Deus que chame alguém para segui-lo mais estreitamente com o coração indiviso (cf. *1Cor 7,32-34*), a estar sempre alegres diante das vocações que possam surgir na própria família”¹⁴⁵.

Os sacerdotes devem empenhar-se igualmente na criação e acompanhamento de grupos de acólitos, bem como no acompanhamento de grupos de jovens crismandos. Muitas vezes é no contexto destes grupos que surgem as primeiras interrogações vocacionais. É missão do pároco desenvolver e suscitar nos jovens o interesse pelo sacerdócio ministerial e pela vida religiosa, organizando encontros e visitas a espaços onde se possa contemplar a beleza da vida consagrada.

3.4 Os Sacramentos da Eucaristia e da Penitência

A vida do presbítero está fortemente marcada pela ação sacramental. Na ausência do bispo é sua missão presidir à assembleia litúrgica, manifestando desse modo a sua identidade como pastor e guia da porção do povo de Deus que lhe é confiado.

¹⁴⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, nº 43.

O Padre Dehon, na obra em estudo, aconselha os sacerdotes a viverem a liturgia como encontro com Cristo, onde se sente o pulsar do Coração de Jesus. Escreve sobretudo sobre a Eucaristia e sobre a Penitência.

Ao oferecer o Sacrifício redentor de Cristo o sacerdote oferece também a sua vida e o seu ministério, procurando que essa ação repetida transforme o seu interior e o configure cada vez mais ao Coração do Mestre. Nesse sentido afirma o *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*:

“Se o presbítero empresta a Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, a inteligência, a vontade, a voz e as mãos para, mediante o seu ministério, poder oferecer ao Pai o sacrifício sacramental da redenção, deverá fazer próprias as disposições do Mestre e viver, como Ele, sendo *dom* para os seus irmãos. Deverá, por isso, aprender a unir-se intimamente à oferta, colocando sobre o altar do sacrifício toda a sua vida como sinal manifestativo do amor gratuito e proveniente de Deus”¹⁴⁶.

A oferenda da sua própria vida na Eucaristia é essencial para que o sacerdote entenda o seu ministério como dom de Deus. Somente nesta base o sacerdote exerce um ministério oblato.

Uma vez que a Eucaristia ocupa um lugar central na vida do presbítero, este deve esforçar-se por celebrar bem, para que tanto o próprio como os demais fiéis possam tirar proveito espiritual da celebração de tão grande Mistério. A atenção ao espaço celebrativo, à limpeza e ao decoro na celebração devem conduzir sempre a um desejo de crescimento espiritual. A Eucaristia bem celebrada é já uma catequese sobre o que se celebra:

“Com efeito, a escassa atenção aos aspetos simbólicos da liturgia e, mais ainda, o desleixo e a pressa, a superficialidade e a desordem, esvaziam o seu significado, enfraquecendo a sua função de incremento da fé. Quem celebra mal manifesta a fraqueza da sua fé e não educa os outros na

¹⁴⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, nº 66.

fé. Ao contrário, celebrar bem constitui uma primeira e importante catequese sobre o santo Sacrifício»¹⁴⁷.

Além de presidir à Eucaristia, o presbítero deve prolongar o encontro com Cristo através da adoração eucarística frequente. Para além do colóquio pessoal diante do sacrário, o padre deve promover momentos comunitários de adoração eucarística para que os demais fiéis colham abundantes frutos espirituais deste modo de “estar com Deus”:

“A centralidade da Eucaristia deverá mostrar-se não só mediante a celebração digna e vivida do Sacrifício, mas também mediante a adoração frequente do Sacramento, de maneira que o presbítero se apresente como modelo do rebanho também na atenção devota e na meditação assídua feita na presença do Senhor no sacrário. É desejável que os presbíteros encarregados da direção de comunidades dediquem largos espaços de tempo à adoração comunitária – por exemplo, todas as quintas-feiras, os dias de oração pelas vocações, etc. – e reservem ao Santíssimo Sacramento do altar, mesmo fora da missa, atenções e honras superiores a qualquer outro rito e gesto. «A fé e o amor à Eucaristia não podem permitir que a presença de Cristo no Tabernáculo permaneça solitária»¹⁴⁸.

Além da Eucaristia, deve ocupar importante lugar na vida do presbítero o sacramento da Penitência. Cristo, ao enviar os apóstolos em missão, dá-lhes o poder de perdoarem os pecados (Cf. Jo 20, 21-23). Os sacerdotes, sendo continuadores da missão dos apóstolos, são os ministros deste sacramento. O seu dever é chamar os fiéis à conversão e “reconduzi-los ao Pai, mediante o julgamento da misericórdia”¹⁴⁹. Embora, na atualidade, se assista a uma crise do sentido do pecado, os sacerdotes devem esclarecer as suas comunidades sobre a riqueza da penitência, sobretudo através do seu testemunho de identificação com Cristo, abeirando-se “misericordiosamente, como bom samaritano, da humanidade ferida, mostrando a novidade cristã da dimensão medicinal

¹⁴⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, nº 67.

¹⁴⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, nº 68.

¹⁴⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, nº 70.

da Penitência, que existe em ordem à cura e ao perdão”¹⁵⁰, e através da disponibilidade para a escuta e acompanhamento dos penitentes. Também o próprio sacerdote deve sentir a necessidade e o desejo de se abeirar do sacramento da Penitência com regularidade, procurando, através da confissão das suas faltas, crescer em santidade, para um bom exercício do ministério. Os fiéis, ao darem conta da assiduidade do presbítero ao sacramento da penitência, reconhecerão nele um irmão, que além de guia, percorre o mesmo caminho com o seu povo em busca da santidade. Este é um aspeto importante nos nossos dias, em que tantos questionam a autenticidade da Igreja e da sua ação. A coerência de vida dos sacerdotes continua a ser o meio mais eficaz para credibilizar a sua ação pastoral.

3.5 A Devoção mariana

O Padre Dehon, na obra *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, refere-se a Maria como mulher unida a Cristo, sobretudo através da oferenda da própria vida com a de seu Filho, expressa de forma singular no Calvário. Deste modo, o Padre Dehon estabelece uma ligação entre Maria e a Eucaristia, considerando a sua presença no sacramento, sobretudo através da união com o sacerdote, com o qual “adora, agradece, expia, pede”¹⁵¹. De modo semelhante, refere o *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*:

“Maria está presente, com a Igreja e como Mãe da Igreja, em cada uma das celebrações eucarísticas. Se Igreja e Eucaristia são um binómio indivisível, o mesmo é preciso afirmar do binómio Maria e Eucaristia». Deste modo, o encontro com Jesus no Sacrifício do Altar

¹⁵⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, nº 70.

¹⁵¹ DEHON Leão, *Le Coeur Sacerdotal de Jesus*, Meditação XXIX.

comporta, inevitavelmente, o encontro com Maria, sua Mãe. Na realidade, «pela sua identificação e conformação sacramental com Jesus, Filho de Deus e Filho de Maria, cada sacerdote pode e deve sentir-se verdadeiramente filho predileto desta Mãe excelsa e humilíssima»¹⁵².

A presença de Maria na Eucaristia deve desenvolver no sacerdote a consciência de filho, que beneficia da sua solicitude materna. Deve, portanto, procurar desenvolver a devoção mariana na sua vida e ministério, bem como nas comunidades a que presidir. A oração do Rosário, tão apreciada e recomendada pelo magistério é um excelente meio para, com Maria, aproximar-se do coração sacerdotal de Jesus, procurando uma configuração plena com o Seu sacerdócio.

¹⁵² CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, 2013, nº 86.

CONCLUSÃO

O padre Dehon e a sua obra constituem um permanente desafio para os nossos dias. Embora marcado pela espiritualidade do seu tempo, foi um homem que soube conciliar a vida espiritual com a ação pastoral, demonstrando assim que a espiritualidade implica sempre sair de si para ir ao encontro do outro, na imitação de Cristo. O seu amor ao sacerdócio levou-o a trabalhar incansavelmente para a santificação dos sacerdotes, como comprovam os inúmeros escritos que deixou sobre o tema.

Num tempo em que o sacerdócio ministerial corre o risco de perder a sua identidade, sobretudo devido à cultura dos nossos dias, que é marca de uma sociedade mais voltada para o imediato e desligada de compromissos, o legado espiritual do padre Dehon constitui um guia atual para a vida dos sacerdotes. A sua reflexão equilibrada sobre o sacerdócio tem o mérito de integrar várias dimensões que hoje adquirem redobrada importância no exercício do ministério, nomeadamente o estudo, como formação permanente, a vida espiritual e a liturgia, a atenção à dimensão socio-caritativa da Igreja. A sua visão do sacerdócio nem é demasiado “pietista”, considerando apenas a dimensão espiritual do sacerdote, nem demasiado “ativista”, dando apenas relevo à ação pastoral, esquecendo o que a deve fundamentar. Este seu equilíbrio explica que ainda hoje encontremos nos documentos do magistério alguns ecos do seu pensamento.

A sua capacidade intelectual associada a uma clara docilidade às inspirações de Deus são elementos interpeladores para a espiritualidade sacerdotal nos nossos dias, para que, como era desejo do Padre Dehon, haja santos e sábios sacerdotes, capazes de

guiar o Povo de Deus num tempo em que o Evangelho parece mais distante da vida dos Homens.

Índice

SIGLÁRIO	2
INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO I.....	5
BIOGRAFIA E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE LEÃO DEHON.....	5
1.1 A influência da Revolução francesa na sociedade de oitocentos	5
1.2 Leão Dehon – primeiros anos de vida.....	7
1.3 A adolescência e os primeiros sinais de vocação	10
1.4 O curso de Direito e a entrada no Seminário.....	17
1.5 O Sacerdote Leão Dehon.....	21
1.6 A fundação do Colégio de S. João e os Oblatos do Coração de Jesus	27
1.7 O emergir de uma nova fundação – Sacerdotes do Coração de Jesus.....	31
CAPÍTULO II	35
A ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL NA OBRA “ <i>LE COEUR SACERDOTAL DE JESUS</i> ” DO PADRE LEÃO DEHON	35
2.1 O sacerdócio ministerial configurado com o sacerdócio de Cristo	37
2.2 A imitação de Cristo: expressão da espiritualidade sacerdotal	42
CAPÍTULO III.....	55
SACERDÓCIO E SANTIDADE – CONFRONTO COM ALGUNS TEXTOS DO MAGISTÉRIO CONCILIAR E PÓS-CONCILIAR.....	55
3.1 A vida espiritual do sacerdote	60
3.2 O estudo e a formação permanente	62
3.3 O cultivo e a promoção das vocações	66
3.4 Os Sacramentos da Eucaristia e da Penitência	67
3.5 A Devoção mariana.....	70
CONCLUSÃO	72
BIBLIOGRAFIA.....	75

BIBLIOGRAFIA

I. Fontes

DEHON Leão, *Oeuvres spirituelles 2*, Edizione Andria – Collegio Missionario S. Cuore, 1983.

DEHON Leão, *Notes sur l'Histoire de ma vie* (NHV), ed. Giuseppe Manzoni, 8 volumes, Roma, 1965-1983.

Extraits du journal du Père J. L. Dehon.

II. Magistério

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Documentos Conciliares e Pontifícios*, 10ª edição, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1987.

JOÃO PAULO II, PP., Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastores dabo vobis* (25 de março de 1992).

BENTO XVI, *Carta aos Seminaristas*, 18 de outubro de 2010.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos Presbíteros*, 11 de fevereiro de 2013.

III. Instrumentos

AA.VV, *Dicionário de Espiritualidade*, Edições Paulinas, São Paulo, 1989.

AA.VV, *Dictionnaire de la vie Spirituelle*, Cerf, Paris, 1987.

ANCILLI, E., *Diccionario de Espiritualidad*, t.III, Herder, Barcelona, 1989.

MOLINARI, P., *Dictionnaire de la vie Spirituelle*, Cerf, Paris, 1987.

SICARI, A., *Diccionario Teológico de la Vida Consagrada*, Claretianas, Madrid, 1992.

IV. Estudos

CAPRIOLI M., *Sacerdozio e santità*, Edizioni del Teresianum, Roma, 1983.

MANZONI Giuseppe, *Leone Dehon e il suo messaggio*, Edizioni Dehoniane, Bolonha, 1989.

MANZONI Giuseppe, *Leão Dehon e a sua mensagem*, Edição da Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus – Dehonianos, tradução de António Correia scj, Lisboa, 2013.

MANZONI Giuseppe, *Leão Dehon apóstolo do Coração de Jesus*, Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, Província Brasileira Meridional, São Paulo, 1984.

DORRESTEIJN Henri, *Vita e personalità di P. Dehon*, Edizioni dehoniane, Bolonha, 1978.

RIBEIRO Fernando, *Padre Leão Dehon*, ed. Seminário Missionário Pe. Dehon.

BOUYER, L., *Introducción à la vie spirituelle*, Cerf, Paris, 1992.